



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

GRÃOS | **SAFRA 2024/25**
7º LEVANTAMENTO

Abril 2025

volume 12

NÚMERO

7

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2024/25
7º LEVANTAMENTO

Copyright © 2025– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 12, safra 2024/25, n. 7 sétimo levantamento, abril 2025.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
17	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
37	ARROZ
50	FEIJÃO
80	MILHO
100	SOJA
113	TRIGO
116	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
128	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

Nesta sétima pesquisa de campo, realizada na última semana de março, com as culturas de primeira safra em fase adiantada de colheita, vem se confirmando, para o ciclo atual, uma safra recorde, estimada em 330,3 milhões de toneladas, crescimento de 10,9% ou 32,6 milhões de toneladas sobre a safra 2023/24. Tal crescimento se deve à incorporação de 1,7 milhão de hectares e às condições climáticas, até o momento, propícias para o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo das culturas. Destaques para a soja, com aumento de 20,1 milhões de toneladas, seguida do milho, com aumento de 9 milhões de toneladas, do arroz, com aumento de 1,6 milhão de toneladas, do amendoim, com aumento de 441,4 mil toneladas e do caroço de algodão, com aumento de 265,3 mil toneladas.

A área plantada, ainda sujeita à confirmação do plantio das culturas de segunda e terceira safras, e de inverno, é estimada em 81,7 milhões de hectares, crescimento de 2,2%. Os maiores incrementos são observados na soja, em 3% ou 1,4 milhão de hectares, no milho, em 1,2% ou 262,3 mil hectares, no algodão, em 6,9% ou 135 mil hectares e no arroz, em 7% ou 112,5 mil hectares.

No período analisado, as culturas de primeira safra apresentavam-se em fase final de colheita, as de segunda safra em vários estádios de desenvolvimento e as de terceira safra, juntamente com as culturas de inverno, em fase inicial de plantio, e o resultado final do volume desta safra ainda depende do comportamento climático, fator preponderante para o desenvolvimento das culturas.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2023/24 e 2024/25					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.944,3	2.079,3	6,9	2.681	2.635	(1,7)	5.212,7	5.478,0	5,1
ALGODÃO - PLUMA	1.944,3	2.079,3	6,9	1.904	1.871	(1,7)	3.701,5	3.890,8	5,1
AMENDOIM TOTAL	255,4	280,0	9,6	2.873	4.197	46,1	733,7	1.175,1	60,2
Amendoim 1ª Safra	248,2	272,8	9,9	2.908	4.264	46,6	721,7	1.163,1	61,2
Amendoim 2ª Safra	7,2	7,2	-	1.660	1.669	0,5	12,0	12,0	-
ARROZ	1.607,8	1.720,3	7,0	6.584	7.061	7,2	10.585,5	12.146,7	14,7
Arroz sequeiro	324,8	366,0	12,7	2.594	2.742	5,7	842,6	1.003,9	19,1
Arroz irrigado	1.283,0	1.354,3	5,6	7.594	8.228	8,3	9.742,9	11.142,8	14,4
FEIJÃO TOTAL	2.859,5	2.861,6	0,1	1.135	1.157	2,0	3.244,3	3.312,7	2,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	861,1	905,0	5,1	1.094	1.170	6,9	942,3	1.058,8	12,4
Cores	343,1	344,7	0,5	1.665	1.702	2,2	571,4	587,0	2,7
Preto	124,7	168,5	35,1	1.492	1.953	30,9	186,1	329,1	76,8
Caupi	393,3	391,8	(0,4)	470	365	(22,4)	184,9	142,9	(22,7)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.528,2	1.463,8	(4,2)	990	1.008	1,8	1.512,2	1.475,1	(2,5)
Cores	364,7	326,8	(10,4)	1.456	1.529	5,0	530,8	499,6	(5,9)
Preto	331,6	301,8	(9,0)	1.534	1.691	10,3	508,4	510,6	0,4
Caupi	831,9	835,2	0,4	568	556	(2,1)	472,8	464,9	(1,7)
FEIJÃO 3ª SAFRA	470,2	492,8	4,8	1.680	1.580	(5,9)	789,9	778,9	(1,4)
Cores	403,3	422,3	4,7	1.829	1.732	(5,3)	737,9	731,5	(0,9)
Preto	14,5	15,7	8,3	1.199	906	(24,4)	17,4	14,3	(17,8)
Caupi	52,4	54,8	4,6	663	604	(9,0)	34,7	33,1	(4,6)
GERGELIM	659,9	660,3	0,1	547	504	(7,9)	361,3	332,8	(7,9)
GIRASSOL	59,7	67,4	12,9	1.188	1.463	23,2	71,1	98,8	39,0
MAMONA	58,7	64,2	9,4	1.484	1.367	(7,9)	87,1	87,7	0,7
MILHO TOTAL	21.050,8	21.313,1	1,2	5.496	5.853	6,5	115.697,2	124.743,4	7,8
Milho 1ª Safra	3.970,1	3.768,7	(5,1)	5.784	6.492	12,2	22.962,2	24.465,4	6,5
Milho 2ª Safra	16.437,4	16.895,0	2,8	5.491	5.794	5,5	90.255,0	97.890,9	8,5
Milho 3ª Safra	643,3	649,4	0,9	3.856	3.676	(4,7)	2.480,3	2.387,1	(3,8)
SOJA	46.149,6	47.515,7	3,0	3.201	3.533	10,4	147.721,1	167.869,8	13,6
SORGO	1.459,2	1.504,6	3,1	3.033	3.116	2,7	4.425,6	4.688,1	5,9
SUBTOTAL	76.104,9	78.066,5	2,6	3.786	4.098	8,2	288.139,6	319.933,1	11,0
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	488,4	488,4	-	2.132	2.279	6,9	1.041,5	1.113,1	6,9
CANOLA	147,9	201,8	36,4	1.322	1.459	10,4	195,5	294,5	50,6
CENTEIO	2,6	2,6	-	1.654	2.038	23,2	4,3	5,3	23,3
CEVADA	123,1	123,1	-	3.561	3.775	6,0	438,4	464,7	6,0
TRIGO	3.058,7	2.772,8	(9,3)	2.579	3.056	18,5	7.889,3	8.472,3	7,4
TRITICALE	15,6	15,6	-	2.603	2.897	11,3	40,6	45,2	11,3
SUBTOTAL	3.836,3	3.604,3	(6,0)	2.505	2.884	15,1	9.609,6	10.395,1	8,2
BRASIL (2)	79.941,2	81.670,8	2,2	3.725	4.045	8,6	297.749,2	330.328,2	10,9

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em abril/2025.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2023/24 e 2024/25		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.379,7	5.819,1	8,2	3.503	3.726	6,4	18.842,9	21.682,5	15,1
RR	142,6	143,0	0,3	3.506	3.690	5,2	499,9	527,6	5,5
RO	1.028,3	1.237,6	20,4	4.039	4.260	5,5	4.153,4	5.272,6	26,9
AC	65,3	68,7	5,2	2.977	3.032	1,8	194,4	208,3	7,2
AM	34,2	31,6	(7,6)	3.012	3.019	0,2	103,0	95,4	(7,4)
AP	11,6	14,3	23,3	2.078	2.119	2,0	24,1	30,3	25,7
PA	1.895,9	2.050,2	8,1	3.258	3.239	(0,6)	6.175,9	6.640,1	7,5
TO	2.201,8	2.273,7	3,3	3.494	3.918	12,1	7.692,2	8.908,2	15,8
NORDESTE	9.655,4	10.130,2	4,9	2.921	3.001	2,7	28.202,8	30.401,6	7,8
MA	2.061,8	2.201,0	6,8	3.634	3.732	2,7	7.492,8	8.213,4	9,6
PI	1.854,5	1.962,7	5,8	3.121	3.222	3,2	5.787,5	6.323,5	9,3
CE	971,5	988,8	1,8	864	777	(10,1)	839,4	768,1	(8,5)
RN	118,5	118,7	0,2	336	367	9,4	39,8	43,6	9,5
PB	225,4	193,6	(14,1)	463	515	11,2	104,4	99,7	(4,5)
PE	368,6	379,4	2,9	955	948	(0,8)	352,1	359,6	2,1
AL	83,1	90,3	8,7	2.154	2.229	3,5	179,0	201,3	12,5
SE	191,5	192,2	0,4	5.107	5.126	0,4	978,0	985,3	0,7
BA	3.780,5	4.003,5	5,9	3.288	3.349	1,9	12.429,8	13.407,1	7,9
CENTRO-OESTE	35.635,2	36.435,5	2,2	4.056	4.480	10,5	144.553,5	163.245,1	12,9
MT	21.678,1	22.150,4	2,2	4.299	4.586	6,7	93.196,6	101.583,3	9,0
MS	6.502,6	6.646,3	2,2	3.121	3.916	25,5	20.291,9	26.026,9	28,3
GO	7.275,2	7.455,2	2,5	4.160	4.665	12,1	30.266,8	34.776,1	14,9
DF	179,3	183,6	2,4	4.452	4.678	5,1	798,2	858,8	7,6
SUDESTE	6.916,2	6.981,1	0,9	3.627	4.137	14,1	25.081,8	28.880,4	15,1
MG	4.260,5	4.276,9	0,4	3.774	4.091	8,4	16.081,1	17.496,9	8,8
ES	25,6	25,9	1,2	2.676	2.660	(0,6)	68,5	68,9	0,6
RJ	2,7	2,8	3,7	3.333	3.429	2,9	9,0	9,6	6,7
SP	2.627,4	2.675,5	1,8	3.396	4.225	24,4	8.923,2	11.305,0	26,7
SUL	22.354,7	22.304,9	(0,2)	3.626	3.861	6,5	81.068,2	86.118,6	6,2
PR	10.516,2	10.410,5	(1,0)	3.537	4.270	20,7	37.200,6	44.453,7	19,5
SC	1.424,5	1.447,0	1,6	4.948	5.374	8,6	7.048,8	7.776,4	10,3
RS	10.414,0	10.447,4	0,3	3.536	3.244	(8,3)	36.818,8	33.888,5	(8,0)
NORTE/NORDESTE	15.035,1	15.949,3	6,1	3.129	3.266	4,4	47.045,7	52.084,1	10,7
CENTRO-SUL	64.906,1	65.721,5	1,3	3.863	4.234	9,6	250.703,5	278.244,1	11,0
BRASIL	79.941,2	81.670,8	2,2	3.725	4.045	8,6	297.749,2	330.328,2	10,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em abril/2025.



INTRODUÇÃO

Conab apresenta o sétimo levantamento da temporada 2024/25. Com a colheita das culturas de primeira safra praticamente encerrada, confirmam-se as previsões iniciais de uma boa produção.

A soja, principal grão produzido no país, apresenta recuperação em relação à safra passada e configura-se como a safra recorde para a oleaginosa no país e em vários estados. No entanto, os problemas climáticos no Rio Grande do Sul limitaram o desenvolvimento da cultura.

Arroz e feijão apontam para uma produção superior à safra passada, reflexo do esforço dos produtores, das condições climáticas, de mercado e políticas governamentais para se expandir a produção desses alimentos que são importantes na mesa do brasileiro.

Para as culturas de segunda safra, em desenvolvimento vegetativo e floração, como o milho segunda safra, ajustes de área e produtividade foram realizados, à medida que as culturas se desenvolvem.

As estimativas para as culturas de inverno e terceira safra são baseadas em modelos estatísticos, climáticos e na análise mercadológica do produto.

Agradecemos o papel essencial dos colaboradores da Conab em todas as Unidades da Federação pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também destacamos a valiosa contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados indispensáveis para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva

e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e do Progresso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

Em março de 2025, os maiores acumulados de chuva ocorreram em grande parte da Região Norte, norte e oeste da Região Nordeste, além de Mato Grosso, com volumes que ultrapassaram 150 mm, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já na parte leste, que abrange o interior da Região Nordeste até a Região Sul, menores acumulados de chuvas foram observados, reduzindo os níveis de umidade do solo em algumas áreas.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 200 mm, exceto em áreas pontuais de Roraima, Rondônia, noroeste do Amazonas e centro-sul do Tocantins, onde os volumes foram menores. No geral, as condições de umidade do solo seguem favoráveis, beneficiando os cultivos em campo.

Na Região Nordeste, diversas áreas do interior tiveram acumulados de chuva abaixo de 90 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo, principalmente na parte central da Bahia, Sergipe, oeste de Alagoas e Pernambuco. Volumes mais significativos ocorreram no Maranhão, norte e oeste do Piauí, noroeste

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

do Ceará, além do leste do Rio Grande do Norte e áreas pontuais da Paraíba. Nessas áreas o armazenamento hídrico segue satisfatório.

Na Região Centro-Oeste, os volumes de chuva acima de 150 mm foram observados em grande parte de Mato Grosso. Nos demais estados, os volumes de chuvas variaram entre 40 mm e 120 mm. No leste de Goiás e Mato Grosso do Sul, houve redução dos níveis de umidade do solo, causando restrição hídrica principalmente em algumas áreas de milho segunda safra.

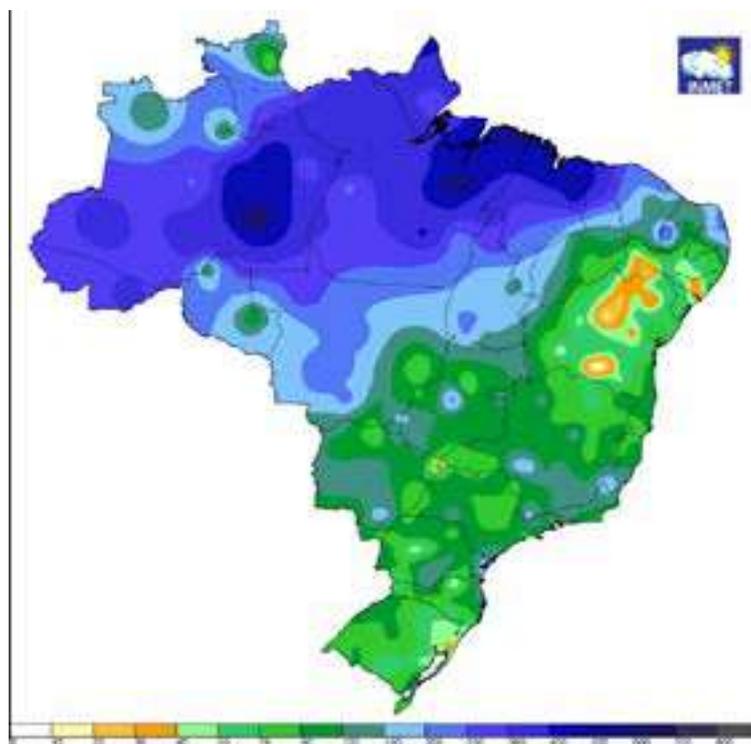
Na Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm, com destaque para a divisa entre São Paulo, Rio de Janeiro e sul de Minas Gerais, além do sul do Espírito Santo. De maneira geral, as condições climáticas seguem favoráveis para o manejo e o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra nessas áreas. No norte de Minas Gerais, as chuvas inferiores a 80 mm não foram suficientes para elevar os níveis de umidade no solo, resultando em restrição hídrica para o algodão e o milho segunda safra.

Em grande parte da Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 70 mm, e os níveis de umidade foram, no geral, suficientes para o desenvolvimento da maioria das lavouras de feijão e milho segunda safras. Para as lavouras de soja ainda em enchimento de grãos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul houve restrição em algumas áreas devido às temperaturas elevadas. Menores acumulados de chuva ocorreram no nordeste do Rio Grande do Sul.

Em março, as temperaturas máximas foram acima da média no interior da Região Nordeste, leste da Região Centro-Oeste, oeste da Região Sudeste e Região Sul. Entre os dias 1º e 8 de março uma onda de calor afetou o Rio Grande do Sul, com registros de temperaturas máximas de até 40 °C em

algumas localidades. Quanto às temperaturas mínimas, os valores ficaram acima de 20 °C na maior parte do país, principalmente, no norte das Regiões Norte e Nordeste, onde os valores ultrapassaram os 24 °C. Já em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas foram inferiores a 18 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM MARÇO DE 2024



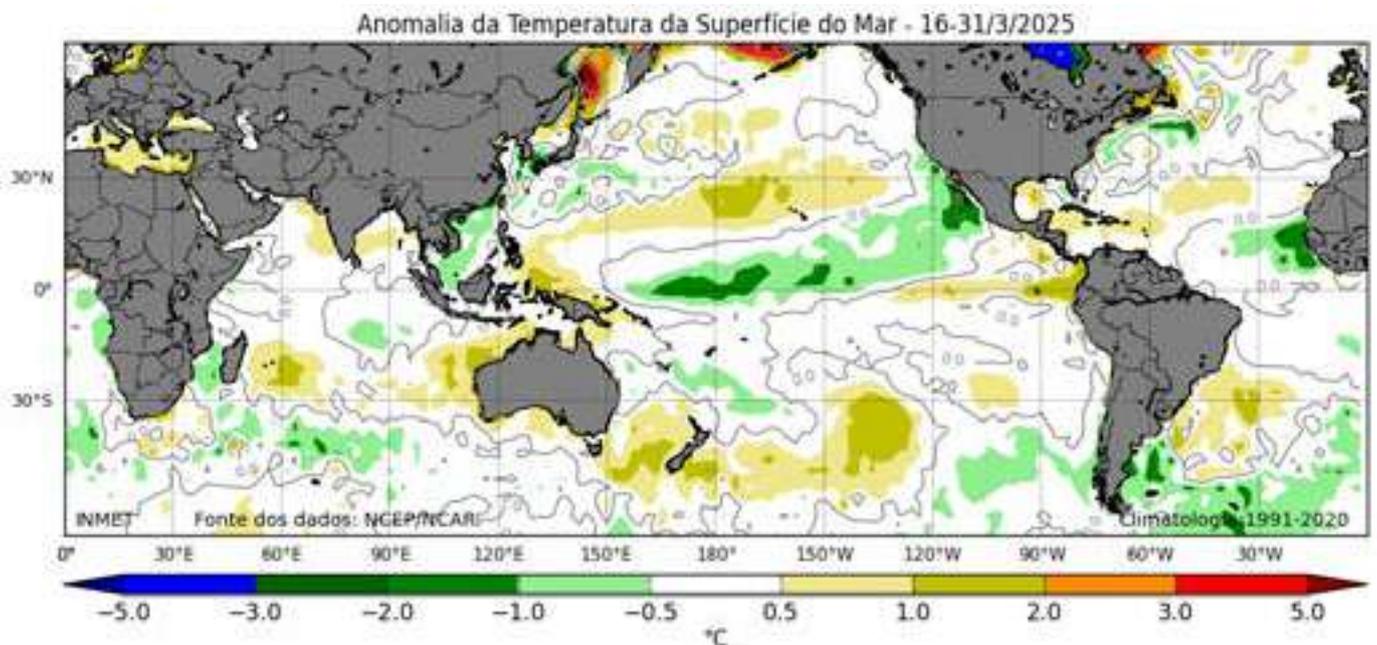
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de março de 2025. Neste período, foram observados valores entre -0,5 °C e -2 °C na faixa entre 130°W e 140°E, indicando a presença de águas mais frias que o normal na parte mais oeste do Pacífico Equatorial. Além disso, águas mais quentes foram observadas ao longo da costa oeste da América do Sul até 130°W. A persistência e expansão dessa área de águas mais quentes, em direção à parte central do oceano, favorecem

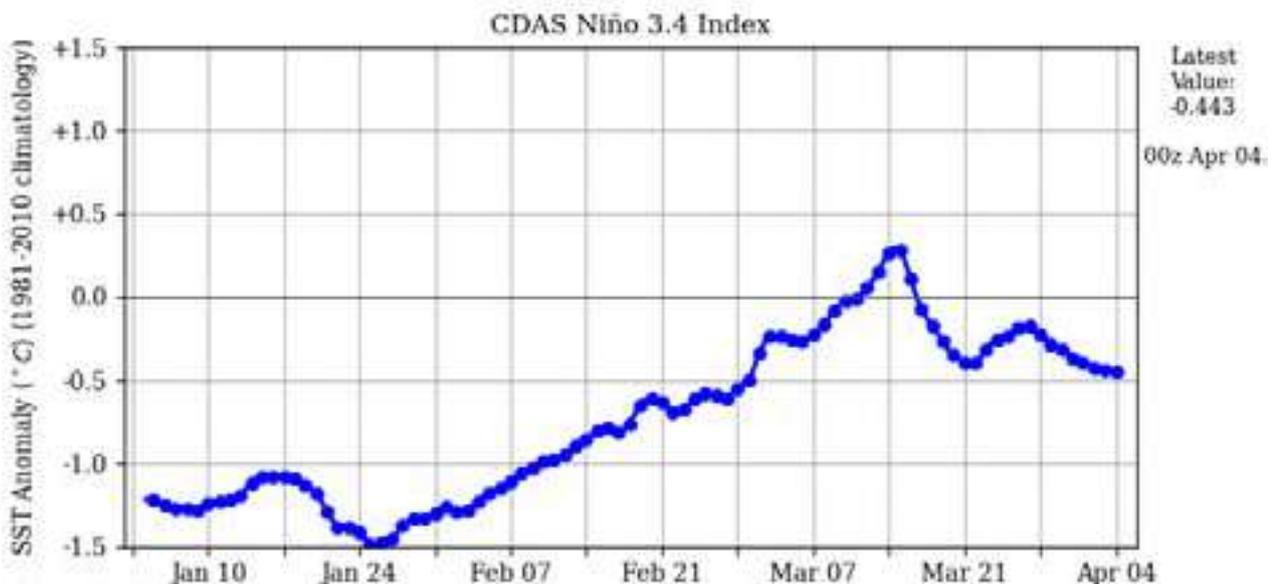
a dissipação do fenômeno La Niña. Nota-se ainda um enfraquecimento das anomalias médias diárias de TSM na área do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W) durante março de 2025, onde houve o predomínio de valores entre 0 °C e -0,5 °C.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE MARÇO DE 2025



Fonte: NCEP/NCAR.

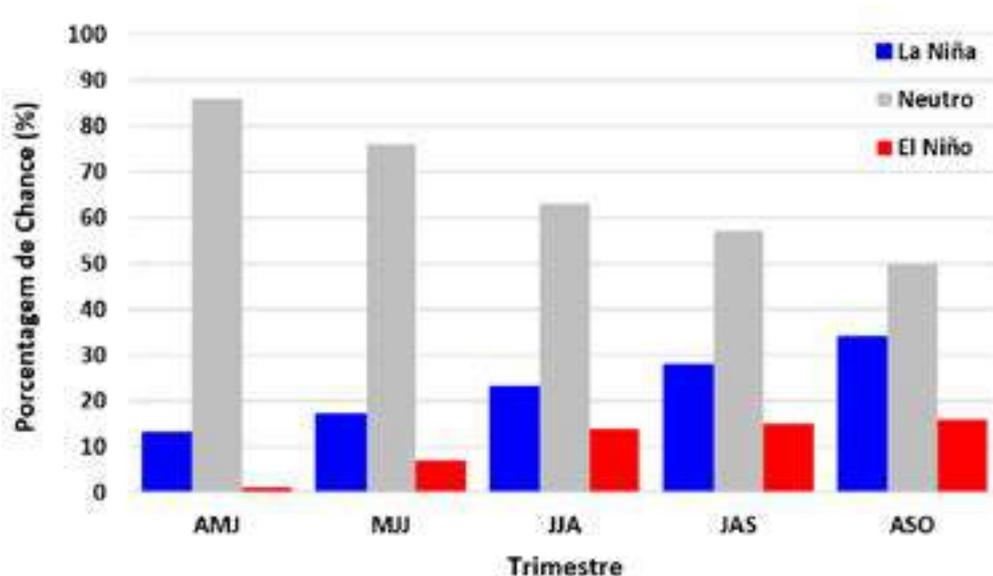
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para uma transição do fenômeno La Niña para Neutralidade durante o trimestre abril, maio e junho de 2025, com probabilidade de 86%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2025

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet, são mostradas na figura abaixo. O modelo indica chuvas próximas e acima da média no centro-norte da Região Nordeste, áreas pontuais da Região Norte, meio-oeste de Mato Grosso, além do sul da Região Sul, mantendo a disponibilidade hídrica nestas áreas, principalmente em abril. Chuvas abaixo da média deverão ocorrer com maior probabilidade em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica redução das chuvas durante o trimestre, com volumes abaixo da média no sul e noroeste da Região Norte. Embora o armazenamento de água no solo ainda se mantenha elevado na porção norte da região, em virtude das chuvas dos últimos meses, a parte sul apresenta uma possibilidade de redução nos níveis de umidade do solo entre maio e junho.

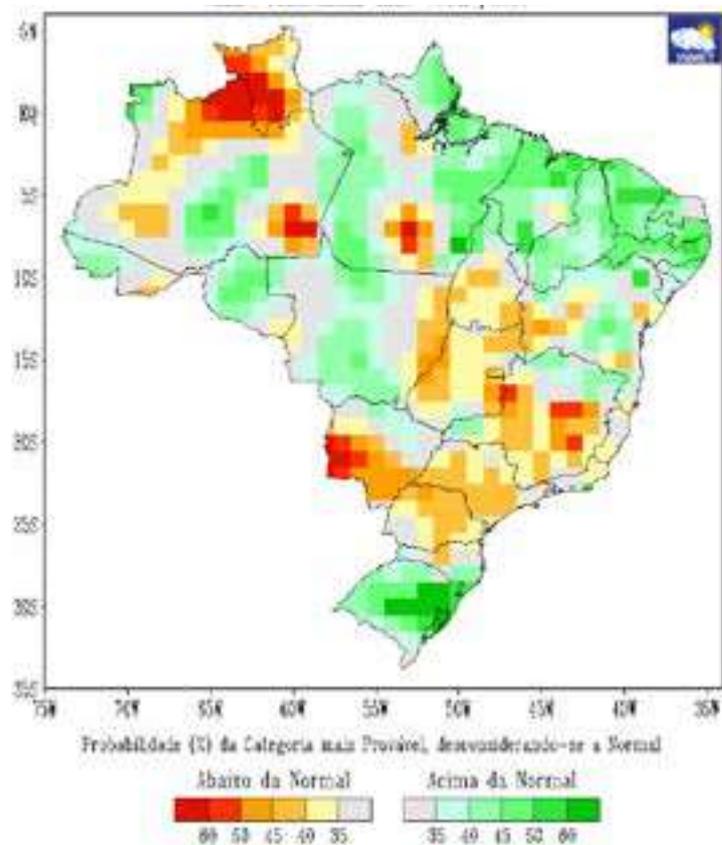
Na Região Nordeste, a previsão é de chuvas acima da média no centro-norte da região. Nas demais áreas, a previsão é de distribuição irregular de chuvas, com volumes abaixo da média, especialmente na parte oeste da Bahia. Nos próximos meses, há possibilidade de redução dos níveis de umidade no interior da região.

Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas próximas e abaixo da média, exceto em áreas do centro-oeste de Mato Grosso, norte de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais, onde são previstas chuvas ligeiramente acima da média. Com a tendência de redução das chuvas ao longo do trimestre, haverá uma diminuição dos níveis de umidade do solo, principalmente entre maio e junho.

Na Região Sul, são previstas chuvas acima da média no Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, que irão manter os níveis de umidade do solo elevados nos próximos meses. Já no norte de Santa Catarina e Paraná, as chuvas poderão permanecer próximas e abaixo da média histórica.

Em relação à temperatura média do ar, a previsão aponta para valores acima da média climatológica na Região Centro-Sul. Nas Regiões Norte e Nordeste, as temperaturas podem superar os 25 °C. Já nas Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 20 °C. No entanto, em áreas serranas, as temperaturas poderão ser inferiores a 15 °C devido à passagem de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2025



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.079,3 mil ha

+6,9%

PRODUTIVIDADE

1.871 kg/ha

-1,7%

PRODUÇÃO

3.890,8 mil t

+5,1%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	Mar./24	2.043,3	3.822,0
	Abr./24	2.079,3	3.890,8

Fonte: Conab.

Neste levantamento, a produção estimada de algodão em pluma, para a safra 2024/25 é de 3.890,8 mil toneladas, seguindo a tendência de alta dos últimos levantamentos e aproximando da produção estimada no primeiro levantamento. Ajustes de previsão de área cultivada, na Bahia e em Mato Grosso, assim como de produtividade em Mato Grosso do Sul, impulsionaram o aumento de produção.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o clima se mostrou propício para o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura de primeira e segunda safras. As chuvas foram adequadas para manter o desenvolvimento do algodoeiro, de modo que as plantas vêm apresentando dossel bem preservado e estruturas reprodutivas em bom aspecto fitossanitário.

Quanto aos tratos culturais, houve atrasos pontuais, porém, com o tempo aberto nas últimas semanas, o cronograma tende a se ajustar.

As operações no campo direcionaram-se na adubação de cobertura, aplicação de defensivos para o controle das principais pragas, como os pulgões, mosca-branca, bicudo e lagartas, e alguns replantios nos talhões que sofreram prejuízos por conta da “mela”, uma doença fúngica que ataca as plântulas de algodão nas fases iniciais de desenvolvimento.

Neste ciclo, milho e algodão configuram-se como boas opções para a segunda safra, enquanto outras culturas têm perdido espaço diante dessa concorrência, como é o caso do feijão cores e do girassol.

O algodão mantém-se com elevada área plantada para a atual temporada, mesmo com a maior atratividade do milho. Fatores que explicam a

persistência da grande área estadual incluem a manutenção dos preços em patamar favorável, o perfil da atividade produtiva, que exige maiores investimentos, maquinário e estrutura muito específica, além de um prazo mais longo para retorno desses investimentos, apresentando assim menor sensibilidade a oscilações de mercado e à volatilidade, o que reduz a migração de área para outras culturas.

Destaca-se o patamar bastante elevado da comercialização, com mais da metade da produção já antecipadamente negociada antes mesmo do início da colheita e, neste momento, os negócios não têm avançado de modo significativo, tendo em vista o foco dos produtores nos trabalhos a campo.

Bahia: os bons resultados obtidos na safra anterior incentivaram o aumento da estimativa de área em relação à atual safra. Por outro lado, a expectativa na produtividade está associada à adoção da média dos últimos anos agrícolas como referência.

Ainda, mesmo nas localidades onde ocorreram poucas chuvas, o solo apresenta reserva de água suficiente para manter a qualidade das lavouras, até o momento. Nos últimos 30 dias houve registro de chuvas com variação de 30 mm a 150 mm, ocorrendo em maiores volumes no extremo-oeste, sobretudo nas áreas próximas às divisas com Piauí e Tocantins.

As lavouras são conduzidas em manejo de sequeiro e irrigado, havendo em campo lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo, floração e formação de maçã.



Foto 1 - Algodão - Florescimento - Formosa do Rio Preto -BA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: as lavouras de algodão foram impactadas pela estiagem que atingiu as regiões produtoras, principalmente às de sequeiro, que estavam em estágio de floração e formação de maçãs, fases que determinam a redução de produtividade.

Nessas lavouras, é comum maçãs bem formadas no baixeiro, porém, no terço médio, onde concentra o maior número de maçãs e, conseqüentemente, a maior produção de pluma, foi prejudicado com o longo período sem chuvas, tendo seus botões florais abortados.

Já as maçãs localizadas na parte superior da planta, no ponteiro, ainda podem vingar, dependendo da volta das chuvas e da realização dos tratos culturais, que ficaram atrasados no momento de estiagem.

Já a parcela das lavouras irrigadas estão se desenvolvendo bem, dentro da normalidade e se encontram na fase reprodutiva.

Mato Grosso do Sul: a situação climática no estado tem variado entre as regiões produtoras da fibra. Por outro lado, durante os últimos 30 dias

ocorreram chuvas irregulares na região sul, com grande variação em volumes e localidades, que, de forma geral, atenderam a cultura que se encontra em fase de enchimento das maçãs.

Na região centro-norte, com acumulados acima de 150 mm, os registros hídricos foram considerados excelentes para o florescimento do algodoeiro, no entanto, os dias nublados seguem preocupando os cotonicultores devido à ocorrência de doenças provocadas por fungos na cultura.

Na região norte, a cultura se encontra em fase de florescimento pleno, exigindo monitoramento constante e manejo adequado para evitar danos causados por mosca-branca e tripses. Com relação ao bicudo, as baterias de pulverizações estão sendo realizadas conforme o planejado.

Maranhão: com colheita prevista para iniciar-se a partir da segunda quinzena de junho de 2025, as lavouras em sua quase totalidade se encontram nos estádios de botões florais e floração.

Do do ponto de vista do estabelecimento e condução das lavouras, há um relativo otimismo dos produtores em razão das boas condições que as lavouras vêm apresentando, sobretudo quanto ao rendimento médio esperado.

As lavouras de algodão segunda safra são cultivadas no município de Balsas, que vêm apresentando um excelente crescimento e desenvolvimento, e em bom estado sanitário.

Piauí: por se tratar de uma cultura de primeira safra, sua implantação e desenvolvimento ocorre no período do ano onde se verifica os maiores índices pluviométrico no estado, permitindo, assim, que se conduza a lavoura em condições favoráveis.

A previsão climática inicial que apontava para a ocorrência do fenômeno La Niña durante a safra de verão se confirmou e tem favorecido o bom desenvolvimento da maioria das lavouras.

O aumento de área em relação à safra passada ficou em 43%, número confirmado com o final da semeadura. Nesta safra há a confirmação de ampliação de uma área significativa de lavoura irrigada, o que deve confirmar produtividades bem elevadas.

A cultura se encontra com parte em floração e a maioria em formação de maçã, apresentando boas condições, em sua grande maioria, apenas áreas no município de Uruçuí que passaram por um veranico durante fevereiro devem reduzir a produtividade.

Embora apresente uma área de cultivo não tão significativa, o cenário nos últimos anos tem-se mantido promissor para a cultura, com perspectiva de aumento de área e indicando condições favoráveis para a comercialização também na safra 2024/25 e para a aposta dos produtores nas próximas safras.



Foto 2 - Algodão - Florescimento - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Goiás: o regime de chuvas em março apresentou irregularidades, com precipitações menos significativas na maior parte do mês. A partir da terceira semana, as chuvas se intensificaram, contribuindo para o aumento da reserva de água no solo, essencial para o desenvolvimento da cultura.

Essa condição, aliada a períodos de boa luminosidade, proporcionaram um ambiente favorável ao desenvolvimento das lavouras de algodão. No entanto, as altas temperaturas registradas no período geram preocupação em relação ao aumento da pressão de pragas.

Não houve confirmação do plantio da última área irrigada no Vale do Araguaia, reduzindo-se a estimativa da área semeada, enquanto a produtividade média projetada se mantém estável.

A maior parte das lavouras de algodão se encontra em plena fase reprodutiva, abrangendo os estádios de floração e formação de maçãs nas partes inferiores das plantas.

Os tratos culturais, como a aplicação de adubação de cobertura e defensivos para o controle de pragas e doenças, seguem sendo realizados semanalmente.

Até o momento, não foram relatados problemas sanitários relevantes nas lavouras, mantendo-se as expectativas iniciais de produtividade. A atenção dos produtores, neste momento, está voltada para o controle da praga do bicudo, que pode causar danos significativos durante a fase de formação dos capulhos.

As primeiras colheitas no estado estão previstas para a segunda quinzena de junho.



Foto 3 - Algodão - Formação de maçãs - Chapadão do Céu-GO

Fonte: Conab.

Tocantins: o acumulado de chuvas nos últimos 15 dias na maioria do estado foi de 70 mm a 90 mm, incluindo as regiões produtoras do algodão. Nos municípios de Mateiros e Rio da Conceição, as lavouras atingiram o estágio de floração e formação de maçãs.

Os produtores realizam de 5 a 7 aplicações na fase reprodutiva, e com intervalos semanais, mas durante todo o ciclo as aplicações chegam a totalizar de 20 a 25 aplicações.

Nos municípios de Nova Rosalândia, Campos Lindos e Tocantínia, a cultura está em fase de floração e formação de maçãs. Foi cultivado o algodão safrinha em sucessão à colheita da soja, com o plantio em fevereiro.

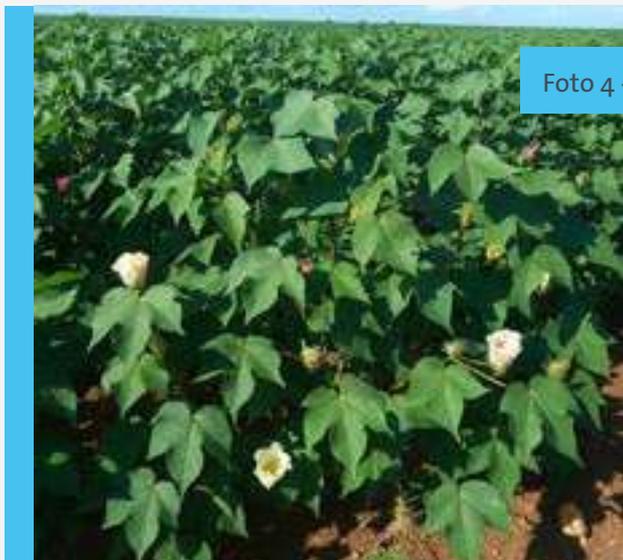


Foto 4 - Algodão - Florescimento - Dianópolis-TO

Fonte: Conab.

São Paulo: com a retirada de produtores no cenário de plantio, houve redução de área em relação à safra passada. Nos polos produtivos da região de Avaré e Paranapanema, a produtividade das lavouras irrigadas se mantém altas, com maiores investimentos.

Rondônia: a ocorrência de chuvas regulares nas áreas destinadas ao plantio do algodão vem contribuindo para um bom desenvolvimento vegetativo da cultura e, certamente, proporcionará uma boa produção. No entanto, a proximidade da época de estiagem preocupa quanto ao impacto sobre a produtividade, pois não pode faltar água durante a formação dos capulhos, para garantir a qualidade das fibras produzidas.

As áreas das lavouras devidamente implantadas, mas a exemplo da safra anterior, com parte da área de cultivo ocupada com outra cultura, no entanto, foi observado que a área atual é maior que a da safra anterior, além da expectativa otimista de maior produtividade.

Com isso, os talhões mais tardios da cultura se mostram com cerca de 5% em fase de desenvolvimento vegetativo. Os demais apresentam-se com 78% em fase de floração e 17% já iniciando a formação de capulhos.

Paraná: durante o presente mês, as precipitações ocorreram de forma irregular, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliadas aos maiores valores de temperaturas deste período têm aumentado a evapotranspiração, o que culmina em alguns pontos em menores níveis de água no solo, e, apesar disso, não foi relatado danos às lavouras.

A cultura está em floração, e tem previsão de um leve incremento de área em relação à safra passada, estímulo provocado pela capacidade de processar o algodão localmente, visto que antes era levado para São Paulo.

Rio Grande do Norte: a cultura do algodão apresenta uma perspectiva de crescimento positivo para a safra 2024/25, com a área destinada ao cultivo aumentando em relação à safra 2023/24.

Esse crescimento reflete a confiança dos produtores no mercado e o retorno econômico da cultura, especialmente devido à demanda interna e internacional por fibras de algodão.

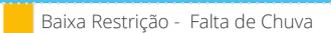
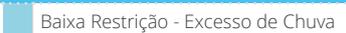
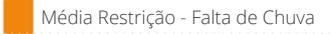
Pará: o clima foi muito favorável, com chuvas em abundância durante os primeiros meses do desenvolvimento da lavoura em Santana do Araguaia. Condições satisfatórias observadas pelo bom desenvolvimento dos estádios fenológicos da lavoura.

A cultura tem expectativa promissora no município de Santana do Araguaia, pois o comércio é acessível para sua venda. O produto será negociado bruto, com o estado da Bahia, onde será beneficiado.

Paraíba: enquanto na região litorânea os plantios devem ser iniciados no próximo mês, as intemperes climáticas, principalmente por um intenso veranico entre o final de fevereiro e início de março foram comprometidas pós-plantio. Motivo que deve influenciar a decisão do produtor na manutenção da cultura ou em seu replantio.

Devido ao veranico entre fevereiro e março, houve perda significativa da cultura, que se encontrava em seu estágio inicial de desenvolvimento, o que irá acarretar na necessidade de replantio, principalmente no Alto Sertão.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2024/2025										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,64			S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,33		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	0,97		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	19,07	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	51,21		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,45		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,86		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,85		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	12,13		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,64	S/E	S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2024/2025										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,65		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O sétimo levantamento de 2024/25, aponta para uma produção recorde de algodão em pluma, estimada em 3,9 milhões de toneladas. Embora a produtividade projetada esteja ligeiramente menor (-1,7%), a expectativa é que a atual safra seja 5,1% superior à do ano anterior. Este crescimento de produção se deve ao aumento de 6,9% da área destinada à cultura do algodão. A opção do produtor pelo aumento de área se deve ao bom volume de vendas antecipadas e à boa rentabilidade do algodão.

Mesmo com um mercado internacional de algodão enfraquecido e com grande volatilidade devido à inflação global e o momento de turbulências econômica e política, espera-se que o Brasil chegue a exportar 2,97 milhões de toneladas do produto, crescimento de 7,1% em comparação ao ano anterior. O algodão brasileiro tem se apresentado bastante competitivo no mercado mundial em termos de preço e qualidade. Os principais destinos da pluma brasileira são países da Ásia, como China, Paquistão, Vietnã, Bangladesh e Turquia. Mas também é exportada para a Europa, África e Américas.

O setor têxtil prevê um menor crescimento, ainda assim, é esperado um incremento no consumo da pluma, o qual irá variar de acordo com o cenário econômico. A expectativa é que o consumo de algodão no mercado interno cresça 2,7%, atingindo o volume de 770 mil toneladas. Apesar das altas taxas de juros, o consumo interno da pluma tem apresentado uma melhora. Mas o cenário é de incertezas, diante dos maiores juros e sua pressão sobre o consumo.

Assim, diante deste cenário de mais uma boa safra, apesar do aumento das exportações e do consumo, o estoque final deverá crescer 6,47%, alcançando o volume de 2,5 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,5	1,1	5.869,8	695,0	2.774,3	2.400,5	
2024/25	mar/25	2.400,5	3.822,0	1,0	6.223,5	710,0	2.970,0	2.543,5
	abr/25	2.400,5	3.890,8	1,0	6.292,3	770,0	2.970,0	2.552,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.720,3 mil ha

+7,0%

PRODUTIVIDADE

7.061 kg/ha

+7,2%

PRODUÇÃO

12.146,7 mil t

+14,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	1.607,8	6.584	10.585,5
2024/25	Mar./25	1.713,0	12.099,2
	Abr./25	1.720,3	12.146,7

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A semeadura da safra 2024/25 foi concluída nas principais áreas produtoras do país. Há destaque para as áreas em que a colheita avança conforme a maturação dos grãos na lavoura, como em Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul.

O tempo chuvoso, intercalado com períodos de sol intenso, favorecem a evolução vegetativa das lavouras, apesar de algumas regiões ainda ocorrerem chuvas com muita variação no volume e intensidade, apresentando situações

que necessitam melhoria no aporte hídrico para a cultura (regularidade das chuvas) ou impedimentos no manejo (altos volumes de chuva). Em sua maioria, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos ou maturação seguido da realização da colheita, resultado de áreas semeadas mais cedo. A estimativa mostra um incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.354,3 mil hectares, com aumento de 5,6%, comparando-se à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, uma importante estimativa de incremento de área em 12,7% em relação à safra 2023/24, de 366 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a operação de colheita teve um avanço significativo nas áreas produtoras do estado, alcançando 56% da área cultivada, com destaque para a região da Fronteira Oeste, com três quartos da área colhida. As planícies (Planície Costeira Interna e Planície Costeira Externa) já ultrapassaram metade da área cultivada, com a Externa chegando a 65%.

A região Sul e Campanha estão com 44% e 37%, respectivamente, mas devem apresentar boa evolução da colheita nas primeiras semanas de abril. A região Central é a mais atrasada, com apenas 29% da área colhida e deve estender a operação até maio, já que teve muitas áreas semeadas em dezembro e janeiro na região. A produtividade das lavouras colhidas, até o momento, é muito boa, principalmente pelo período de semeadura das lavouras e pelas condições meteorológicas favoráveis. Boa parte da semeadura ocorreu em outubro e início de novembro, dentro do período preferencial da cultura, e as plantas acabaram sendo submetidas às boas condições de radiação solar, que são favoráveis para a obtenção de altas produtividades. A exceção ocorreu em algumas áreas, especialmente na região de São Francisco de

Assis, Cacequi e São Vicente do Sul e na Região Central (principalmente na Quarta Colônia) onde houve limitação da quantidade de água para irrigação e as lavouras passaram por irrigações intermitentes.

Não foram observados dias muito frios, condição que implica no abortamento de flores, mas as ondas de calor provocaram temperaturas máximas muito elevadas, assim como temperaturas noturnas elevadas, aumentando a respiração das plantas, conseqüente consumo de fotoassimilados e diminuição do peso dos grãos.

A produtividade das lavouras que restam colher pode haver redução, advindo de áreas que passaram por períodos de restrição hídrica e tiveram irrigação intermitente durante o ciclo. A qualidade dos grãos tem sido diferente entre as regiões produtoras. Ondas de calor no período de enchimento de grãos das plantas pode aumentar o percentual de grãos quebrados e gessados. Esta situação é mais acentuada na Fronteira Oeste, que apresenta temperaturas máximas e mínimas maiores que em outras regiões produtoras, com a região Sul, Planície Costeira Interna e Planície Costeira Externa. Durante o ciclo da cultura, além da boa condição de radiação solar e a disponibilidade hídrica adequada na maior parte das lavouras, além dos manejos no período adequado, garantindo a boa sanidade das lavouras.

Santa Catarina: a colheita do arroz está praticamente encerrada no alto vale do Itajaí e na região norte do litoral catarinense. Essas regiões tradicionalmente semeiam o arroz mais cedo, por conta das características geográficas e de clima incidente. O produto colhido é de boa qualidade, com bom rendimento na indústria. Já na região Sul, a colheita deve se estender até meados de abril, pois além de serem semeadas mais tarde, as áreas foram escalonadas e algumas lavouras ainda estão na fase de enchimento de grãos.

As produtividades médias têm se mostrado mais elevadas que no último levantamento, bem como em relação à safra anterior. Atribui-se esse bom desempenho à soma de vários fatores, como a época da semeadura, com plantio em situação de clima favorável nas fases de maior exigência das plantas; incidência de ondas de calor depois da fase de floração, sem perdas por abortamento de flores; manejo e tratos culturais adequados, com investimento tanto nas adubações quanto nos controles fitossanitários, proporcionando lavouras livres de plantas daninhas e bem adubadas para o seu potencial produtivo, acumulando os fotoassimilados com mais facilidade sem a competição.

As altas temperaturas durante o final do ciclo favoreceram o aparecimento de algumas doenças fúngicas, como a brusone, mas com relatos de casos isolados e sem interferência significativa após a colheita. As lavouras estão heterogêneas em razão de geografia, microclimas regionais, níveis tecnológicos e de manejo aplicados, com produtividades bastante variáveis de um local para outro.

Tocantins: nas áreas de arroz irrigado (primeira safra), tem prosseguido as operações de colheita, no qual as produtividades têm sido satisfatórias, com algumas ressalvas em áreas onde, quando ocorreu o plantio, as lavouras foram acometidas por veranicos no seu desenvolvimento inicial. Quanto ao arroz irrigado de segunda safra, o plantio ocorreu em sucessão à colheita da soja, e as lavouras estão em estágio vegetativo, onde o cultivo foi realizado em áreas sistematizadas em que a irrigação é por gravidade. Já nas áreas com arroz de sequeiro, há lavouras em processo de colheita e bom rendimento, com 60% de grãos inteiros.



Foto 5 - Arroz Irrigado - Maturação - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

Mato Grosso: as chuvas constantes e bem distribuídas, aliadas às temperaturas favoráveis, foram bastante positivas para as lavouras, incluindo a fase de maturação, com desenvolvimento pleno dos arrozais, enquanto que a colheita se intensifica.

O índice pluviométrico ocorrido ao longo da safra contribuiu para o desenvolvimento pleno das plantas, refletindo no rendimento e na qualidade do produto colhido e, apesar da diminuição sazonal das chuvas, ainda se mostra suficiente para o arrozal completar satisfatoriamente a fase final de maturação. Nas áreas com arroz sequeiro de segunda safra, a cultura tem apresentado bom desenvolvimento vegetativo e mantendo boas condições fitossanitárias, principalmente devido aos tratos culturais adequados aliados às condições climáticas favoráveis.

Maranhão: as lavouras de arroz de terras altas se encontram em diversos estádios fenológicos, inclusive já ocorrendo a colheita. Já o cultivo de arroz irrigado se encontra com a colheita encerrada, a exceção das lavouras

conduzidas nos municípios de Viana e Cajari, em que a semeadura teve início em agosto de 2024, estendendo-se até a primeira quinzena de janeiro de 2025. Nesses sistemas produtivos as lavouras irrigadas se encontram nos estádios de enchimento de grãos (cerca de 5%), maturação (cerca de 5%) e com 90% do produto colhido.

Piauí: o arroz de sequeiro, nesta safra, houve atrasos na semeadura e necessidade de replantio em algumas áreas, devido ao início tardio do período chuvoso principalmente na região norte do estado e irregularidades das chuvas no sudeste. As lavouras se encontram em enchimento de grãos, na sua maioria, e em boas condições no sudoeste e norte do estado, porém na região sudeste e parte do centro-norte a situação é crítica por falta de chuvas, nestas áreas as lavouras que se encontravam em início de desenvolvimento vegetativo foram todas perdidas.

O aumento significativo de área que estava previsto para esta safra ficou comprometido pela falta de chuvas, bem como a produtividade. Já o arroz irrigado no estado é cultivado em vazante ou por inundação, e o período de plantio da cultura ocorre a partir de maio. Para esta safra, até o momento, estima-se um pequeno aumento de área, incentivado principalmente pelos preços do cereal praticados no mercado, em que a comercialização do arroz irrigado é bastante favorável, uma vez que o período de colheita ocorre na entressafra do arroz de sequeiro.

Rondônia: para o arroz de sequeiro primeira safra, neste levantamento as áreas se apresentam em percentuais com cerca de 1% em fase de enchimento de grãos, 20,5% em fase final de maturação dos grãos e 78,5% das áreas implantadas já foram devidamente colhidas. Houve a ocorrência de intensidade de chuvas, que provocou possíveis prejuízos devido ao acamamento das plantas nas lavouras, junto com a dificuldade

de realização da colheita, principalmente na parte centro/norte do estado, não conseguiram realizar o manejo em campo para finalizar as atividades desta safra.

Atualmente, o volume de precipitações tem sido mais esparsado e em menor intensidade, possibilitando que as lavouras que ainda estão em campo com grãos maduros sejam definitivamente colhidas. Devido ao plantio escalonado das lavouras, ainda se encontram áreas com desenvolvimento tardio. Simultaneamente ocorre a implantação do cultivo do arroz com a segunda safra, inclusive com aumento de área nesta safra, com a área prevista já com 85% semeada, com 76% em fase de emergência e 24% já em fase de desenvolvimento vegetativo.

Pará: nas áreas de arroz irrigado, o clima tem favorecido o bom desenvolvimento da cultura, com períodos alternados de chuva e sol, aliados ao pacote tecnológico, com lavouras em boas condições e sem relatos de ataques de doenças e insetos. Contudo, no estado predomina o cultivo de arroz sequeiro, que, com a regularidade das chuvas, tem também favorecido as lavouras.

Goiás: as lavouras de arroz irrigado sob o sistema de tabuleiros estão em plena fase de colheita. Na região de Formosa, cerca de 1.500 hectares ainda se encontram na fase vegetativa devido ao plantio realizado em fevereiro. A região de São Miguel do Araguaia praticamente finalizou a colheita. As lavouras enfrentaram problemas como a falta de água para irrigação no início do ciclo, o ataque da praga percevejo-do-colmo, de difícil controle, e o excesso de chuvas durante a colheita. Atualmente, o regime de chuvas tem sido benéfico para a cultura, apesar da elevação da temperatura e consequente maior evapotranspiração.



Foto 6 - Arroz irrigado - Desenvolvimento vegetativo - Rio Verde-GO

Fonte: Conab.

Paraná: as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliadas aos maiores valores de temperaturas deste período, têm aumentado a evapotranspiração, o que traz como consequência, em alguns pontos, menores níveis de água no solo.

A cultura, no sistema irrigado, está distribuída nas fases de desenvolvimento vegetativo (área replantada) 14%, maturação 20% e já conta com 66% das áreas colhidas. A produtividade foi afetada, de forma geral, no estado devido ao efeito dos replantios oriundos das cheias do rio Ivaí, que provocaram certo deslocamento do período favorável de desenvolvimento da cultura, afetando sua capacidade produtiva, estimando possível redução da produtividade. Nas áreas de arroz de sequeiro, as condições das lavouras são consideradas, em sua maioria, como boas 98% e regulares 2%, até o momento, com uma leve redução na produtividade da cultura em relação ao último levantamento, advindos das chuvas irregulares e das temperaturas quentes. Já são considerados 48% das áreas como colhidas.

Minas Gerais: a parcela das lavouras irrigadas que ainda está em campo na região noroeste do estado se desenvolvem bem. Por serem irrigadas, os danos causados pela estiagem e altas temperaturas foram minimizados, mantendo a expectativa de boa produtividade. No triângulo mineiro, 80% das áreas já foram colhidas, e foram relatadas dificuldades no manejo, como o controle de plantas daninhas. No sul de Minas e norte do estado, as lavouras avançam para a fase final de enchimento de grãos e maturação. Já há registros de colheita no sul de Minas, com boas produtividades.

Mato Grosso do Sul: o período apresentou clima favorável em toda a região produtora do cereal, com chuvas seguidas de abertura de sol. Dessa forma, a colheita está evoluindo conforme as lavouras orizícolas atingem o ponto ideal de maturação e umidade dos grãos. Praticamente todo o arroz semeado até dezembro de 2024 foi colhido, restando as áreas que foram implantadas em janeiro de 2025. Os últimos talhões finalizados foram aqueles que tinham menor disponibilidade de água para irrigação e, com a seca evidenciada a partir do início deste ano, tiveram sua produtividade expressivamente impactada, reduzindo as médias produtivas. A colheita dos talhões tardios, que é de aproximadamente 15% da área semeada dos municípios, será realizada somente a partir do final de abril. O principal trato cultural realizado nestas lavouras tardias foi o tratamento fúngico, visto que a ocorrência de pragas está abaixo do normal.

Sergipe: a colheita do plantio de verão foi iniciada e está bem avançada, com previsão de término em maio de 2025.

O plantio da safra principal, safra de inverno, foi bem satisfatório e proporcionou ótimos rendimentos, uma vez que a valorização do grão aumentou os investimentos em tratamentos culturais e tecnologias aplicadas nas lavouras.

Paraíba: nas áreas de arroz de sequeiro (primeira safra), 55% da previsão de plantio já foi semeada. As lavouras se encontram em condições de boas a regulares, com 81,7% em fase de desenvolvimento vegetativo e 18,3% em floração, mantendo-se a expectativa de produtividade. Como tradição da região, utilizou-se semente crioula (arroz vermelho).

Distrito Federal: o arroz de sequeiro já foi colhido e apresentou bom rendimento, enquanto que o cultivo do arroz irrigado ainda não foi semeado, sendo previsto cerca de 370 hectares, com uma estimativa de produtividade média de 7.100 kg/ha.

Alagoas: as condições climáticas foram favoráveis ao longo de todo ciclo de desenvolvimento das lavouras irrigadas. As chuvas foram consideradas dentro da normalidade durante toda a fase de desenvolvimento, além de contribuir para a operação da colheita. Destaca-se que em janeiro, volumes elevados de chuvas causaram alagamentos em algumas áreas de arroz, no município de Igreja Nova. As lavouras apresentaram excelente desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, visto ao bom manejo (adubação e controle de pragas), associado às boas condições climáticas.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2024/2025										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,86				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins	5,72			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,70						S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,92			S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO**	Leste Goiano	0,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2024/2025										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PR**	Noroeste Paranaense	1,29		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,40	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	2,07	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,68	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,45		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Centro Oriental Rio-grandense	3,96		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Metropolitana de Porto Alegre	15,90		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudoeste Rio-grandense	28,87		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Rio-grandense	14,17		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2024/25 de arroz será 14,7% maior que a safra 2023/24, projetada em 12,1 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio aos elevados preços ao produtor no momento do plantio. Ademais, em meio a um cenário climático positivo nas regiões produtoras, nota-se uma boa produtividade da cultura.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste sétimo levantamento, houve manutenção nos valores estimados para o consumo nacional nas safras 2023/24 e 2024/25, sendo esses volumes projetados próximos da média de consumo dos últimos cinco anos do setor orizícola.

Ainda sobre o consumo, ressalta-se que este é calculado como variável de ajuste do quadro de suprimento após a utilização do número de estoques de

passagem levantado pelo IBGE, do dado de balança comercial consolidado pela SECEX/MDIC e do volume nacional produzido estimado pela Conab. Com a proximidade do fechamento desses dados, ao final de fevereiro, o quadro de suprimento aponta para o consumo de 10,5 milhões de toneladas na safra 2023/24 e projeta-se uma estabilidade de consumo para a safra 2024/25.

Mais especificamente sobre a balança comercial, para a safra 2023/24, dado que os preços internos operaram acima das paridades de exportação, na maior parte do período de comercialização, e dada a menor disponibilidade interna no período em questão em conjunto com a recomposição produtiva norte-americana, identificou-se uma redução dos volumes exportados para 1,4 milhão de toneladas pelo Brasil.

Para a safra 2024/25, em meio à projeção de recuperação produtiva e de arrefecimento dos preços internos ao longo de 2025, estima-se um aumento das exportações de arroz brasileiro para 2 milhões de toneladas. Sobre as importações, para as safras 2023/24 e 2024/25, projeta-se um volume importado de 1,4 milhão.

Com isso, em meio aos números apresentados e, principalmente, com a perspectiva de significativo incremento produtivo nacional, a projeção é de estoque de passagem maior ao final da safra 2024/25, com um volume estimado de 1,6 mil de toneladas ao final de fevereiro de 2026.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.585,5	1.421,5	12.414,9	10.500,0	1.362,2	552,7
2024/25	mar/25	393,4	12.099,2	1.400,0	13.892,6	10.500,0	1.392,6
	abr/25	552,7	12.146,7	1.400,0	14.099,4	10.500,0	1.599,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem - 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.861,6 mil ha

+0,1%

PRODUTIVIDADE

1.157 kg/ha

+2,0%

PRODUÇÃO

3.312,7 mil t

+2,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Esta cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito”, com o arroz, faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, produzida nas cinco regiões e praticamente em todos os seus estados, considerando aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia, feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico, considerado mais curto e que possibilita ao produtor adequar melhor o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	Mar./25	910,2	1.070,6
	Abr./25	905,0	1.058,8

Fonte: Conab.

A colheita do feijão primeira safra está em fase final de execução, até mesmo com muitos estados já tendo suas operações findadas em março, aproveitando-se de um clima mais seco que se deu durante boa parte do mês em muitas dessas regiões produtoras, algo que favoreceu a maturação dos grãos e a realização das operações de sega.

Já em outras áreas importantes para a cultura neste primeiro ciclo, como Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as operações de colheita ainda estão ocorrendo, com encaminhamento para a conclusão em breve. No estado nordestino, o ciclo foi postergado por conta de intercorrências climáticas que requereram o replantio e proporcionaram atraso geral no calendário tradicional de semeadura e colheita. Já na Região Sul, a colheita segue um cronograma habitual nesses estados, já que há uma parcela considerável de lavouras mais tardias, que ficam em áreas de maiores altitudes e que tradicionalmente são implantadas apenas após a colheita dos cereais de inverno, que ocorrem no fim do ano.

De maneira geral, mesmo com as adversidades climáticas, (até as registradas nesse final de ciclo, com altas temperaturas e períodos de estiagem em algumas localidades produtoras), a estimativa segue apontando para uma

safra mais prolífica que em 2023/24, tanto com aumento de área plantada, como em rendimento médio.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. As operações foram concluídas em março, em áreas pontuais, assim, pode-se confirmar uma produção inferior a 2023/24, por conta da redução na área total plantada. Fatores mercadológicos (preços pagos pelo feijão não têm sido tão atrativos quando comparados a outros cultivos de verão, como soja e milho), além do maior risco climático de plantio do feijão na primeira safra, que foram os principais pontos que justificam essa diminuição na destinação de área.

Quanto ao rendimento médio da cultura, o ciclo apresentou incremento em relação ao ano passado, principalmente em razão das condições climáticas melhores no período de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras, permitindo melhor vigor vegetativo e a evolução fenológica das plantas em um cronograma mais próximo ao ideal, sem o atraso no plantio, ocorrido no exercício passado, provocado pela estiagem e ondas de calor registrados no fim de 2023.

Bahia: as chuvas retornaram, mas com uma distribuição ainda irregular, principalmente entre as grandes regiões produtoras no estado, que são o extremo-oeste, o centro-sul e o centro-norte. Dessa forma, as estimativas passaram a apontar uma redução no potencial produtivo por conta da escassez de precipitações nas regiões centrais. Ali, a evolução da colheita também sofreu repercussão por conta da oscilação pluviométrica, tendo atraso na semeadura e até necessidade de replantio em algumas áreas, já que as chuvas foram insuficientes, especialmente no início do ciclo.

Atualmente, as lavouras se encontram nas fases de enchimento de grãos, maturação e colheita. No extremo-oeste, a colheita avança em mais de 90% das áreas, alcançando boas produtividades. Nas regiões centro-norte e sul aproximadamente metade das áreas foram colhidas, mas a escassez de chuvas prejudicou o desenvolvimento das lavouras e reduziu bastante a capacidade produtiva das plantas.

Goiás: a colheita foi concluída ainda em fevereiro. A produção final foi superior à obtida em 2023/24, tanto pelo aumento na área plantada quanto pelos melhores rendimentos alcançados no atual ciclo, favorecido por uma condição climática mais benéfica à cultura, uma janela de plantio menos estrangulada em comparação a 2023/24 e um cenário fitossanitário melhor.

Assim como no ano passado, houve perdas qualitativas (grãos brotados e manchados) e de potencial produtivo em virtude das chuvas durante as fases finais do ciclo. Nos municípios de Cristalina e Campo Alegre de Goiás, o produto colhido apresentou qualidade de regular a ruim, com alto teor de grãos danificados. Já nos municípios de Silvânia e São Miguel do Passa Quatro, o produto apresentou ótima qualidade.

Paraná: a colheita foi finalizada em fevereiro, e confirmou a expectativa inicial de uma safra mais prolífica que em 2023/24, com incremento no rendimento médio (mesmo com um ajuste em relação ao valor divulgado no mês passado), já que o atual ciclo apresentou um clima mais favorável à cultura na maior parte da safra que no exercício anterior, e também na área plantada. A qualidade do produto colhido também obteve resultados satisfatórios.

Santa Catarina: a colheita está praticamente encerrada, restando apenas algumas áreas nas regiões do Meio-Oeste e no Planalto Sul para serem

colhidas. Algumas dessas áreas mais tardias enfrentaram oscilações climáticas importantes, com passagens de frentes frias e quentes, que alternaram períodos chuvosos e de estiagem durante parte importante do ciclo, interferindo em parte do potencial produtivo da cultura em algumas localidades (algo que reduziu a estimativa de produtividade em comparação ao último levantamento, mas ainda manteve uma previsão de incremento em relação à safra passada).

No último mês, as temperaturas médias mais elevadas contribuíram para acelerar o processo de maturação dos grãos e permitiram um bom avanço das operações de sega, já que o clima se manteve estável na maior parte do período.

O produto vem mantendo uma boa qualidade, sendo bem aceito pelo mercado consumidor, haja vista que esse clima mais estável vem sendo positivo para a boa secagem dos grãos maduros e para a própria colheita em si.

Rio Grande do Sul: a cultura tem um plantio tradicionalmente mais tardio que o feijão do tipo preto no estado e, até por isso, ainda está no estágio inicial de colheita, com as lavouras remanescentes em campo se dividindo entre as fases de enchimento de grãos e maturação. As produtividades obtidas, até o momento, são satisfatórias, devendo manter um bom potencial produtivo, mas levemente inferior à média de 2023/24, tal qual é a qualidade dos grãos obtidos, haja vista a manutenção da fitossanidade das lavouras durante a maior parte do ciclo da cultura, bem como o tempo seco no período de maturação e colheita dos grãos, que favoreceu a secagem ideal do produto, evitando danos fisiológicos.

Na principal região produtora, que é o Planalto Superior, houve um ciclo mais homogêneo no quesito desenvolvimento da cultura, inclusive com

menores efeitos relacionados à escassez de chuvas e altas temperaturas, que afetaram mais duramente outras regiões do estado e outras culturas de verão. As chuvas ali ocorreram com mais regularidade e permitiram a realização dos manejos no momento adequado, assim como garantiu o atendimento da demanda hídrica pra as plantas na maior parte do ciclo.

Distrito Federal: colheita finalizada, visto que houve reflexo das chuvas no final de ciclo sobre a qualidade de alguns lotes de grãos, que apresentaram alteração de coloração e germinação indesejada. Por outro lado, o parâmetro quantitativo foi considerado muito bom, com incremento no rendimento médio em relação ao valor obtido na temporada passada, tendo no atual ciclo um maior período de condições climáticas favoráveis durante as fases fenológicas.

Mato Grosso: o volume de chuvas durante março foi bastante benéfico para as lavouras, especialmente aquelas mais tardias e que à época ainda estavam em estádios menos avançados no ciclo fenológico.

A cultura segue, predominantemente, entre os estádios de enchimento de grãos e maturação, com perspectiva de um potencial produtivo satisfatório, embora menor que a produtividade média obtida em 2023/24, especialmente por conta do aumento percentual considerável de área plantada no atual ciclo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita foi concluída em março, confirmando a expectativa inicial de uma safra mais prolífica que em 2023/24, com incremento considerável na área plantada, embora nesse último levantamento tenha ocorrido um leve

ajuste redutor da área plantada em relação ao mês passado, principalmente, pelos bons preços pagos pelo grão à época do plantio da leguminosa, além de aumento na produtividade média, já que o atual ciclo apresentou um clima mais favorável à cultura, especialmente para as lavouras mais tardias, que apresentaram ótimos resultados e elevaram o rendimento médio.

Santa Catarina: a colheita está praticamente encerrada, restando apenas algumas áreas nas regiões do Meio-Oeste e no Planalto Sul para serem colhidas. Algumas dessas áreas mais tardias enfrentaram oscilações climáticas importantes, com passagens de frentes frias e quentes, que alternaram períodos chuvosos e de estiagem durante parte importante do ciclo, interferindo em parte do potencial produtivo da cultura em algumas localidades (algo que reduziu a estimativa de produtividade em comparação ao último levantamento, mas ainda manteve uma previsão de incremento bem considerável em relação à safra anterior).

No último mês, as temperaturas médias mais elevadas contribuíram para acelerar o processo de maturação dos grãos e permitiram um bom avanço das operações de sega, já que o clima se manteve estável na maior parte do período.

O produto vem mantendo uma boa qualidade, sendo bem aceito pelo mercado consumidor, haja vista que esse clima mais estável vem sendo positivo para a boa secagem dos grãos maduros e para a própria colheita em si.

Rio Grande do Sul: a colheita está bastante avançada, restando apenas as áreas mais tardia, localizadas no Planalto Superior, que ainda estão entre as fases de enchimento de grãos e maturação. Até o final de março, cerca de 80% da área estadual estava colhida.

Por ter um extenso calendário de semeadura e diversos níveis de manejo empregado, o ciclo apresenta diversos cenários produtivos. Nas áreas semeadas no início da janela houve boa ocorrência de chuvas em praticamente todo o ciclo, viabilizando uma ótima produtividade para essas lavouras.

Já em outras regiões, que possuem o plantio mais tardio, foram mais afetadas por estiagens e/ou chuvas esparsas que prejudicaram a fase reprodutiva das lavouras e reduziram parte do potencial produtivo. As lavouras semeadas em novembro e dezembro, mais concentradas em regiões menos tradicionais da cultura e com menor aporte de tecnologia, ainda foram severamente prejudicadas pela estiagem e amargaram perdas significativas.

Por fim, o plantio ocorreu na região do Planalto Superior, principal região produtora, e que apresentou uma distribuição pluviométrica mais abrangente, embora em um volume abaixo do ideal. Isso auxiliou no desenvolvimento das lavouras e não trouxe danos significativos sobre o potencial produtivo destas por conta de anomalias climáticas.

Assim, a média estadual estimada para a produtividade se mantém similar ao do levantamento anterior e segue inferior ao valor obtido em 2023/24. A perspectiva é que as lavouras mais tardias, localizadas no Planalto Superior, mantenham um potencial produtivo semelhante, já que a região acabou sendo menos afetada pelos episódios de estiagem ocorridos em fevereiro.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. As operações foram concluídas em março, em áreas pontuais, assim, pode-se confirmar uma produção inferior a 2023/24, por conta da redução na área total plantada. Fatores mercadológicos (preços pagos pelo feijão não têm sido tão atrativos quando comparados a outros cultivos de verão, como soja e milho), além do maior risco climático de plantio do feijão na primeira safra foram os principais pontos que justificam essa diminuição na destinação de área.

Quanto ao rendimento médio da cultura, o ciclo apresentou incremento em relação ao ano passado, principalmente em razão das condições climáticas melhores no período de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras, permitindo melhor vigor vegetativo e a evolução fenológica das plantas em um cronograma mais próximo ao ideal, sem o atraso no plantio, ocorrido no exercício passado, provocado pela estiagem e ondas de calor registrados no fim de 2023.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a safra começou com atraso no plantio devido à irregularidade das chuvas. A partir da implantação e desenvolvimento das lavouras, as condições climáticas se mantiveram oscilantes entre as principais regiões produtoras no estado. Observa-se, por exemplo, que as lavouras vêm apresentando boas condições gerais na maioria das áreas localizadas no norte e no sudoeste piauiense. Ali, o regime pluviométrico foi mais estável e com uma distribuição mais uniforme. Já em áreas do sudeste e parte do centro-norte, a situação é crítica por falta de chuvas, muitos agricultores chegaram a plantar com as chuvas que caíram a partir do final de dezembro, mas a partir da segunda quinzena de janeiro praticamente não choveu mais, e as lavouras que se encontravam em início de desenvolvimento vegetativo foram prejudicadas.

Como se trata de uma cultura que consegue se desenvolver com menores índices de umidade e conclui seu ciclo em menor espaço de tempo, ainda há possibilidade de recuperação de áreas e de parte do potencial produtivo, mas já se estima redução no rendimento médio em relação às previsões divulgadas até então.

Bahia: o retorno das chuvas foi importante para viabilizar um maior acumulado hídrico nos solos e ajudar na recuperação daquelas lavouras que sofreram estresse hídrico e que ainda estavam em fases fenológicas passíveis de reaver parte do potencial produtivo. Como a cultura apresenta uma maior rusticidade e tolerância ao deficit hídrico, as perdas acabaram sendo menores, mas ocorreram, especialmente em lavouras localizadas nas regiões centro-sul e centro-norte do estado, as quais foram mais afetadas pela estiagem.

Atualmente, as lavouras se encontram nas fases de enchimento de grãos, maturação e colheita. No extremo-oeste, a colheita avança em mais de 90% das áreas, alcançando boas produtividades. Nas regiões centro-norte e sul, aproximadamente metade das áreas foram colhidas, mas a escassez de chuvas prejudicou o desenvolvimento das lavouras e reduziu bastante a capacidade produtiva das plantas.

Maranhão: o ciclo avançou bastante no último mês, até mesmo em relação às operações de colheita, que estão em fase final de execução.

As lavouras tiveram um desenvolvimento satisfatório ao longo da maior parte do ciclo, isso permitiu um leve incremento nas estimativas de produtividade média em comparação à temporada passada.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. As operações foram concluídas em março, em áreas pontuais, assim, pode-se confirmar uma produção inferior a 2023/24, por conta da redução na área total plantada. Fatores mercadológicos (preços pagos pelo feijão não são tão atrativos quando comparados a outros cultivos de verão, como soja e milho), além do maior risco climático de plantio do feijão na primeira safra foram os principais pontos que justificam essa diminuição na destinação de área.

Quanto ao rendimento médio da cultura, o ciclo apresentou incremento em relação ao ano passado, principalmente em razão das condições climáticas melhores no período de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras, permitindo melhor vigor vegetativo e a evolução fenológica das plantas em um cronograma mais próximo ao ideal, sem o atraso no plantio ocorrido no exercício passado, provocado pela estiagem e ondas de calor registrados no fim de 2023.

Tocantins: as áreas em sequeiros que restavam ser colhidas foram finalizadas no último mês. Assim, somando a colheita das áreas irrigadas obtidas previamente, o resultado final na primeira safra foi satisfatório, apresentando leve crescimento em comparação a 2023/24, tanto em área plantada como em rendimento médio dos grãos.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada ainda em janeiro de 2025. A produtividade média e a qualidade dos grãos foram inferiores ao atingido na safra anterior (o excesso de chuva prejudicou o desenvolvimento pleno da cultura, que se caracteriza por ser intolerante a um clima mais úmido), mas a área plantada apresentou acréscimo e suplantou essa redução, favorecendo o resultado final.

Pernambuco: a cultura, que está em fase final de maturação e colheita, sofreu em parte do ciclo com a irregularidade das chuvas, mas, a boa tolerância e rusticidade que a planta possui quanto aos estresses bióticos e abióticos, fizeram com que as lavouras apresentassem desenvolvimento entre bom e regular, mantendo uma estimativa produtiva ainda superior à da temporada passada, já que nesse ano as condições climáticas foram consideradas melhores, no geral.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2024/25										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	
PA	Nordeste Paraense	0,78						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
PI	Norte Piauiense	0,80					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C		
	Centro-Norte Piauiense	0,70					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C		
	Sudoeste Piauiense	2,27					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	C		
	Sudeste Piauiense	1,08					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C		
	Extremo Oeste Baiano**	10,49		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,78				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Centro Norte Baiano	0,70				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C		
	Centro Sul Baiano	2,68				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
GO	Leste Goiano	5,90			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul Goiano	4,38			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C					
	Norte Goiano	2,05			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
DF	Distrito Federal	2,79			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
MG	Noroeste de Minas	7,05			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas	2,19				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,94			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
	Oeste de Minas	0,84			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul/Sudoeste de Minas	2,66			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
	Campo das Vertentes	2,29			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
	Zona da Mata	1,32			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C				
	Assis**	0,79	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
SP	Itapetininga**	1,20	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	0,86			S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	1,11		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	4,84		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
PR	Oeste Paranaense	1,03		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudoeste Paranaense	0,75		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	2,39		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudeste Paranaense	9,43		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Metropolitana de Curitiba	3,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Oeste Catarinense	2,39		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
SC	Norte Catarinense	1,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
	Serrana	2,22		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense	0,88		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,84		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2024/25

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	Mar./25	1.450,4	1.443,5
	Abr./25	1.463,8	1.475,1

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: o tempo mais seco e quente em março prejudicou parte do desenvolvimento da cultura e também limitou a conclusão do plantio, que ainda está em execução, mas praticamente finalizado. Durante o mês, as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliados às temperaturas mais elevadas, promoveram maiores níveis de evapotranspiração, o que culmina, em alguns pontos, em menores níveis de água no solo.

As lavouras já implantadas se dividem entre germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e granação. As condições das lavouras são boas em sua maioria, sendo considerado o restante como regular ou uma pequena parcela como ruim, que foi mais influenciada pelo clima seco e quente de março.

Há importante redução na área total plantada em comparação a 2023/24 (embora essa estimativa tenha se elevado um pouco em relação ao número divulgado no mês passado), principalmente pela substituição de cultivo com o milho de segunda safra devido à maior estabilidade dos preços pagos

pelo cereal em relação ao feijão e também pela maior demanda de milho pelos setores, tanto de alimentação animal, com a abertura de unidades produtoras de suínos e aves, bem como no ramo de geração de energia, por meio de fabricação de etanol proveniente do milho em unidade de produção de biocombustíveis.

Minas Gerais: o plantio evoluiu em ritmo mais lento em razão das adversidades climáticas (escassez e irregularidade de distribuição das chuvas, além de altas temperaturas), uma vez que alguns produtores têm repensado o plantio da leguminosa devido à baixa umidade do solo, o que aumenta as chances de frustração de safra. Tal cenário já reflete na estimativa de área semeada, que agora aponta para uma ligeira redução no total de área cultivada em relação a 2023/24.

Cerca de 80% da área prevista está semeada, e as lavouras já implantadas seguem em fases vegetativas, apresentando, majoritariamente, desenvolvimento satisfatório, já que essas etapas ainda demandam menor quantidade hídrica para a evolução da planta em comparação ao período reprodutivo.

Paraíba: a semeadura começou, mas ainda segue muito incipiente, principalmente afetada pela não distribuição de sementes, promovida por políticas públicas locais, e que neste ano, até então, não ocorreu, atrasando o plantio, que deve avançar, mesmo que com postergação, a partir de abril e com possível irregularidade das chuvas nesta atual estação.

Santa Catarina: o último mês registrou um clima desfavorável à cultura na maior parte do período, com chuvas irregulares e temperaturas elevadas, algo que foi sentido, principalmente pelas plantas que à época estavam em floração e enchimento de grãos. Se observa, mesmo que pontualmente, um atraso no desenvolvimento das lavouras, resultando em plantas mais

baixas e com menor carga foliar e floral. Assim, já se prevê uma redução no potencial produtivo, além de leve diminuição na área plantada, também por conta de adversidades climáticas pontuais que inviabilizaram o plantio esperado.

Mato Grosso: as chuvas constantes e bem distribuídas, aliadas às temperaturas médias amenas, foram positivas para o desenvolvimento das lavouras.

No geral, a cultura apresenta um bom desenvolvimento inicial, sem ocorrências anormais de pragas e doenças. O estágio predominante da cultura ainda é o vegetativo.

Mato Grosso do Sul: o plantio está em andamento e chegou a cerca de um terço da área prevista até o fim de março (previsão inicial é de redução na área total em comparação ao exercício anterior, principalmente por questões de mercado, que reduziram a rentabilidade da cultura frente ao cultivo de outros grãos nesse período).

As chuvas têm sido regulares e acompanhadas de dias ensolarados, algo que forma um cenário positivo para a implantação e desenvolvimento vegetativo das lavouras, que seguem em boas condições gerais, embora a incidência de larvas minadoras tenha sido pontuada no norte do estado, demandando maiores manejos para o controle e manutenção da qualidade fitossanitária.



Foto 7 - Feijão cores 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Rio Verde de Mato Grosso-MS

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: mesmo com um clima oscilante, com períodos de baixas precipitações e altas temperaturas, a semeadura avançou e está na iminência de conclusão. Durante o último mês, as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliados às temperaturas mais elevadas, promoveram maiores níveis de evapotranspiração, o que culmina, em alguns pontos, em menores níveis de água no solo.

As lavouras já implantadas se dividem entre germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e granação. As condições das lavouras são boas, em sua maioria, sendo considerado o restante como regular ou uma pequena parcela como ruim, que foi mais influenciada pelo clima seco e quente de março.

Ainda sem a finalização da semeadura é possível apontar para uma redução significativa na área total plantada em comparação a 2023/24 (embora essa estimativa tenha se elevado em relação ao número divulgado no mês passado, como forma de ajuste à previsão, à medida que se aproxima do encerramento do plantio), principalmente pela substituição de cultivo com o milho de segunda safra devido à maior estabilidade dos preços pagos pelo cereal em relação ao feijão e também pela maior demanda de milho pelos setores, tanto de alimentação animal, com a abertura de unidades produtoras de suínos e aves, bem como no ramo de geração de energia, por meio de fabricação de etanol proveniente do milho em unidade de produção de biocombustíveis.

Santa Catarina: o último mês registrou um clima desfavorável à cultura na maior parte do período, com chuvas irregulares e temperaturas elevadas, algo que foi sentido, principalmente pelas plantas que à época estavam em floração e enchimento de grãos. Observa-se, mesmo que pontualmente, um atraso no desenvolvimento das lavouras, resultando em plantas mais baixas e com menor carga foliar e floral. Assim, já se prevê uma redução no potencial produtivo.

A estimativa aponta para uma redução da área inicial prevista, pois o último mês foi bastante seco, não oferecendo condições ideais para semeadura. Aqueles produtores que não conseguiram semear antecipadamente, acabaram desistindo do cultivo.

Nas regiões dos Planaltos e na Serra, o plantio está encerrado. O baixo preço pago aos produtores no mercado desestimulou os produtores, havendo redução de área. O calor excessivo, aliado à possibilidade de ocorrência de doenças e da falta de chuvas regulares (chuva esparsa), traz preocupação quanto ao aumento nos casos de abortamento floral.

No meio-oeste, as lavouras se encontram distribuídas em diversas fases fenológicas. Ali, a semeadura do feijão-preto teve início em meados de janeiro, após a colheita de milho e do próprio feijão primeira safra. Duas fases fenológicas representam a ampla maioria das lavouras: desenvolvimento vegetativo e floração. O clima não tem contribuído muito para o desenvolvimento das lavouras nas últimas semanas. Excesso de calor durante a primeira quinzena de março, acompanhada por chuvas fracas e mal distribuídas, acabam interferindo na evolução da cultura no ciclo e podendo reduzir seu potencial produtivo.

No extremo-oeste, o deficit hídrico permanece, e as lavouras já estão apresentando alterações no crescimento vegetativo. A área prevista para o plantio apresentou retração devido à escassez hídrica durante a janela de semeadura ideal. Adicionalmente, a desvalorização dos preços desincentivou o cultivo das áreas inicialmente projetadas. As lavouras se encontram principalmente no estágio de desenvolvimento vegetativo, e parte inicia o florescimento, especialmente nas primeiras áreas semeadas. As temperaturas amenas e a manutenção de umidade nas folhas proporcionam aumento da pressão de doenças, como antracnose. O cenário fitossanitário ainda está satisfatório, excetuando-se ocorrências pontuais de ácaros (*Tetranychidae* spp.) e vaquinhas (*Diabrotica speciosa*), cujas infestações localizadas estão sendo monitoradas para evitar danos econômicos.

Rio Grande do Sul: a semeadura foi concluída em março, com a execução das operações nas áreas mais tardias, principalmente na região do Planalto Superior.

De maneira geral, houve influência de fenômenos climáticos, que impactaram o regime de chuvas no estado, provocando diminuição nos volumes pluviométricos desde o fim de 2024. As precipitações, além de

menos volumosas, também foram muito mal distribuídas. Sua frequência, que já era baixa até o final de dezembro, tornou-se ainda mais crítica a partir de 2025. Essa condição levou à redução significativa do armazenamento de água nos solos bem como sua disponibilidade para irrigação. O estado, que possui diretrizes quanto ao Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) para a cultura do feijão de segunda safra, tem sua semeadura ideal sendo realizada entre janeiro e março. Assim, a operação foi severamente prejudicada pela limitação hídrica dos solos e dos reservatórios, incorrendo assim em redução importante na estimativa de área plantada nesse ciclo (também motivada pela baixa nos preços pagos pelo grão nas últimas semanas).

Além de causar a diminuição da área cultivada, as condições meteorológicas também foram responsáveis por diversas dificuldades para a implantação e desenvolvimento da cultura no campo. Nas áreas cultivadas sob regime de sequeiro houve atraso na data de semeadura, falhas na emergência e estabelecimento inicial da população de plantas, e o crescimento das plantas está limitado pela disponibilidade hídrica. Já nas áreas com sistema de irrigação e disponibilidade de água, os produtores realizaram a rega das lavouras para garantir a germinação dos grãos e estabelecimento inicial das plantas, mas as altas temperaturas provocadas pelas ondas de calor causaram estresse às plantas. Também poderá ocorrer falta de água para a realização das regas caso chuvas volumosas não ocorram em breve.

Quanto ao manejo e sanidade das lavouras, mesmo com atraso pontual na realização das aplicações dos defensivos agrícolas, por conta dos períodos de estiagem, o controle fitossanitário é adequado.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: as chuvas seguiram pouco abaixo da normal pluviométrica nas principais regiões produtoras, em março. Porém, os volumes registrados foram importantes para garantir uma melhor umidade nos solos e permitir tanto o avanço da semeadura, que está em pouco mais de 70% da área prevista, e também beneficiou o desenvolvimento vegetativo das lavouras já implantadas.

Paraíba: a semeadura começou, mas ainda segue muito incipiente, principalmente afetada pela não distribuição de sementes, promovida por políticas públicas locais, e que neste ano, até então, não ocorreu, atrasando o plantio, que deve avançar, mesmo que com postergação, a partir de abril e com possível irregularidade das chuvas nesta atual estação.

Mato Grosso: a semeadura foi finalizada no último mês. As lavouras têm apresentado bom vigor na fase inicial de desenvolvimento. Em razão da quantidade adequada de chuvas, somada aos manejos apropriados, as plantas estão demonstrando desenvolvimento saudável nos estádios preliminares da evolução vegetativa. As principais pragas e doenças da cultura estão sob controle.

Bahia: com a retomada das chuvas e o avanço da colheita da soja, o plantio do feijão-caupi de segunda safra, que vem em sucessão à soja, foi finalizado no último mês. Houve incremento na área total semeada em comparação à temporada passada, principalmente por conta da antecipação da sega da soja e pela maior disponibilidade hídrica nos solos em relação ao ano passado, tanto pelo registro de maiores volumes de chuvas quanto pela participação mais abrangente da irrigação sobre tal cultivo.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento, até o momento, embora, com a entrada do outono, as chuvas tenham se apresentado mais escassas, devendo manter essa tendência até o final do ciclo.

Rio Grande do Norte: o plantio está em fase final, com previsão de conclusão ainda na primeira quinzena de abril. A perspectiva é de aumento na área total semeada, quando comparada à temporada anterior, principalmente pelo estímulo mercadológico que a cultura tem oferecido, considerando seu baixo custo de produção.

Tocantins: a semeadura começou em março e avançou bastante no período, inicialmente ocorrendo apenas nas áreas em sequeiro.

Como o cultivo ocorre em áreas também ligadas à produção de soja, o nível tecnológico empregado é elevado, propiciando um alto potencial produtivo para os padrões do feijão-caupi, já que o manejo e insumos despendidos são consideráveis (boa parte dessa produção é designada para o mercado externo, com um elevado padrão de qualidade).



Foto 8 - Feijão-caupi 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

Pernambuco: o retorno das chuvas no Sertão pernambucano (ainda entre fevereiro e março de 2025) permitiu um pequeno acúmulo de umidade nos solos, algo que já foi suficiente para que os produtores avançassem e concluíssem o plantio da cultura, que, para além da sua maior tolerância à estresse hídrico, tem uma demanda de água menor nessas primeiras fases vegetativas.

Atualmente, as lavouras seguem entre as fases vegetativas e reprodutivas, com muitas delas já em floração e enchimento de grãos. As condições gerais são boas, visto que o regresso das precipitações ajudou a amenizar a baixa umidade e a manter uma estimativa de potencial produtivo superior a 2024.

Goiás: as condições climáticas foram favoráveis, e o plantio, que nesse período está concentrado no sudoeste do estado, foi finalizado no último mês.

As lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo e vêm apresentando boas condições gerais, especialmente pela sua maior rusticidade a estresses abióticos e bióticos (principalmente quanto à mosca-branca).

Maranhão: a semeadura começou em março e segue em andamento, com destaque para a região sul do estado, onde se concentra boa parte desse cultivo.

As condições climáticas gerais estão estáveis, e as lavouras já implantadas vêm apresentando um bom desenvolvimento inicial.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2024/25						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	2,41			S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,79			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C
CE	Noroeste Cearense	2,00		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,22		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,55		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,69		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,48		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,91			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PE	Sertão Pernambucano	0,42		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Pernambucano	0,52		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	5,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,91		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,71		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,77			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	0,64			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,42			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Noroeste de Minas	0,62		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Norte de Minas	1,14		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,30		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,42		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,56		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,70		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	3,02		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	4,54		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	1,22		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,33	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Central Paranaense	0,81	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	5,64	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,72	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	17,78	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	8,67	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,91	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,81	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	2,25	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,4	1.574	813,0
2023/24	470,2	1.680	789,9
2024/25	Mar./25	492,8	778,9
	Abr./25	492,8	778,9

Fonte: Conab.

Previsão de plantio, para a safra 2024/25, apenas a partir de maio de 2025.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado paulista março encerrou de acordo com o esperado, ou seja, com o mercado firme e os preços em alta, especialmente para os melhores tipos que se encontram escassos. A preferência da demanda continuou pelo produto extra ou similar, entretanto muitos compradores, sem alternativas, em face da cotação elevada deste tipo de feijão acabaram optando por tipos inferiores em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias mais caras.

A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade tem provocado substancial alta nos preços, que devem permanecer em patamares elevados

pelo menos até o avanço da colheita da segunda safra a partir de meados de abril.

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos provenientes de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O mercado está na expectativa da oferta proveniente da segunda safra, cujo plantio está praticamente concluído na Região Centro-Sul. Na Região Sul, notadamente no Paraná, a “safrinha” continua sendo beneficiada pelo clima, com chuvas normais, bem distribuídas, e colheita iniciada, devendo se concentrar em maio e junho, onde se espera um volume de produção de 2,5% abaixo do registrado em 2024 em razão dos baixos preços de comercialização. As lavouras atravessam, em grande parte, as fases de floração a enchimento de grãos, períodos em que são mais exigentes em água. Assim, os próximos dias serão importantes para a definição do potencial produtivo das lavouras, pois há necessidade de boas precipitações num curto espaço de tempo.

Já em Minas Gerais, segundo maior produtor, o quadro climático não está favorável, alguns municípios ficaram cerca de um mês sem chuvas, e as precipitações registradas na primeira quinzena de março foram pontuais e de volumes reduzidos. O plantio foi concentrado em fevereiro e segue com certa morosidade devido as irregularidades climáticas, gerando muita preocupação entre os produtores quanto à performance da safra.

Esse prognóstico foi feito com base nos dados levantados até meados de março do corrente ano. Contudo, até o momento, as adversidades climáticas com veranicos e chuvas insuficientes e mal distribuídas estão comprometendo substancialmente o potencial produtivo das lavouras. No próximo levantamento de campo, previsto ainda para o decorrer de abril,

a Conab terá um diagnóstico mais preciso quanto à real situação da safra mineira, bem como dos demais estados produtores.

Vale ressaltar que os preços praticados no atacado paulista estão próximos aos das regiões produtoras. Normalmente, quando isso ocorre acaba limitando as entradas, e muitos comerciantes adotam a estratégia de reter o produto na tentativa de manter sua valorização.

Dessa forma, o caminho está aberto para o produtor ou para quem dispõe da mercadoria para venda. A aceitação ou não do preço pedido fica dependendo da necessidade de compra de cada um. Acredita-se que, se o clima contribuir, somente com o avanço das colheitas na Região Sul é que este mercado poderá voltar ao equilíbrio.

Nas regiões produtoras os preços também reagiram e oscilando de acordo com a qualidade do produto. A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade, após a colheita da primeira safra, provocou substancial alta nas cotações, estando os preços médios no Paraná em torno de R\$ 220 por saca de 60 quilos.

Na Região Nordeste, notadamente na Bahia, a semeadura foi recém-reiniciada, com o feijão-carioca devendo ser concluída em abril, enquanto as lavouras de feijão-caupi estão todas implantadas. As lavouras se encontram, quase na totalidade, na fase de desenvolvimento vegetativo, sendo fundamental a normalidade do clima para a definição da safra, cuja produção entra no mercado com maior intensidade, em junho.

É importante mencionar que, como a Região Nordeste continua na entressafra e o plantio indefinido devido às adversidades climáticas, provavelmente ocorrerá deslocamento de compradores às diversas regiões

produtoras da Região Centro-Sul em busca de mercadorias, o que poderá contribuir para que o produto continue valorizado.

No momento, o volume produzido atende, de forma bem ajustada o mercado em razão, basicamente, da baixa demanda varejista. Desta maneira, as cotações deverão continuar oscilando de acordo com as quantidades ofertadas e suas respectivas demandas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares.

A pressão por preços menores continua, embora a oferta continue bastante ajustada às necessidades de consumo. Pelo visto, as indústrias devem continuar adquirindo o estritamente necessário, apenas para atender à demanda imediata. Observa-se que quando os valores recebidos pelos agricultores entram em queda, os produtores adotam a estratégia de reduzir as quantidades para a venda, visando melhor remuneração para o seu produto.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado segue calmo e independente da grande diferença de preços em relação ao feijão-carioca, e as cotações seguem pressionadas para baixo.

Os produtores apresentam resistência na venda, mas os preços não sinalizam qualquer melhora, muito pelo contrário. No mercado atacadista de São Paulo a demanda esteve retraída com lotes que são compartilhados, e a maior parte dos empacotadores continua se abastecendo diretamente nas fontes de produção.

Na primeira safra ou safra das águas, a Conab estimou um expressivo aumento na área/produção e conseqüentemente na oferta. Só no Paraná,

disparado maior estado produtor, o volume colhido foi 110,4% superior ao registrado em 2024. O aumento da oferta, aliado à baixa liquidez, impactaram negativamente nos preços que deverão continuar sendo pressionados devido ao elevado estoque e à expectativa da entrada da produção da segunda safra, a partir de abril, estimada em torno de 500 mil toneladas.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já está no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

É preocupante o expressivo volume de produção estimado para esta temporada. A colheita da primeira safra, somada ao volume previsto no segundo plantio, perfaz um montante de 854 mil toneladas, 142,1 mil toneladas acima da temporada anterior, que foi o maior da história, como também do consumo interno estimado em 630 mil toneladas.

Cabe mencionar que, em maio de 2024, no “pico” da colheita, os preços estavam caindo para o mínimo devido ao aumento da área plantada e na produtividade. Todavia, com o mercado internacional aquecido, e de forma atípica, surgiram as exportações. Durante o exercício foram exportadas 91 mil toneladas de feijão-preto, contribuindo para um mercado firme e com boas cotações. Já neste ano de 2025, muitos produtores investiram no produto apostando no desempenho histórico do ano anterior, mas o que se observa, até o momento, é um mercado super ofertado, consumo retraído e exportações travadas.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2024, foram importadas 22,2 mil toneladas, ou seja, 46,8 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Esta redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhido na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a dezembro de 2024, foram exportadas 343,6 mil toneladas, contra 139 mil toneladas no mesmo período de 2023. Cabe esclarecer que um dos principais motivos para essa expressiva evolução foi a inesperada demanda de feijão-preto por parte dos corretores/exportadores.

Para a elaboração do balanço de oferta e demanda para 2024/25, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira e segunda safras apuradas no levantamento de campo, realizado em fevereiro, pela Conab, foi estimada em 2.514,1 mil toneladas. Em relação à terceira safra, cujo plantio normalmente tem início em abril (safra de inverno), foram considerados, praticamente, os mesmos volumes de produção registrados na temporada anterior, totalizando 3.293,1 mil toneladas, 1,5% acima da anterior.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 197,9 mil toneladas, a manutenção do consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações projetadas em 50 mil toneladas e as exportações de 169 mil toneladas, o resultado será um estoque final de 341,6 mil toneladas, o maior dos últimos 12 anos.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7	
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7	
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1	
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3	
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0	
2023/24	325,0	3.244,3	22,2	3.591,5	3.050,0	343,6	197,9	
2024/25	mar/25	197,9	3.293,1	50,0	3.541,0	3.050,0	169,0	322,0
	abr/25	197,9	3.312,7	50,0	3.560,6	3.050,0	169,0	341,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

21.313,1 mil ha

+1,2%

PRODUTIVIDADE

5.853 kg/ha

+6,5%

PRODUÇÃO

124.743,4 mil t

+7,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	Mar./25	3.745,8	24.857,3
	Abr./25	3.768,7	24.465,4

Fonte: Conab.

No fim de março, a colheita da primeira safra de milho alcançou 53,3% da área semeada, bem superior à média das últimas cinco safras, que foi de 41,1%. A redução das precipitações em março favoreceu esse desempenho.

As produtividades alcançadas em todos os estados superaram as estimativas iniciais e os resultados da última safra. Em todas as regiões de cultivo as condições climáticas foram favoráveis, com precipitações bem distribuídas durante o desenvolvimento do cereal. Destaque especial para os estados

da Região Sul, que obtiveram produtividades médias de 8.823 kg/ha, 27,8% superior à obtida na última safra.

Para a safra 2024/25, o plantio ocorreu em 3.768,7 mil hectares, 5,1% inferior ao registrado na última safra, mas uma produção de 24.465,4 mil toneladas, 6,5% superior ao último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita da cultura seguiu evoluindo durante março, mas em ritmo menos acelerado, haja vista que em algumas regiões a colheita das lavouras semeadas no início da janela já havia sido concluída em fevereiro. Em março, o progresso estadual da colheita foi de 10%, alcançando 86% da área cultivada com a cultura no estado. Uma parcela significativa do avanço estadual de março ocorreu no Planalto Superior, onde a semeadura da cultura é mais tardia e as lavouras atingiram o ponto de colheita durante março. Além da parcela da área já colhida (86%), ao final de março 6% das lavouras estavam em maturação, 5% em enchimento de grãos e 3% em florescimento. As áreas que restam ser colhidas são lavouras localizadas no Planalto Superior e as lavouras cultivadas na safrinha.

As lavouras do Planalto Superior apresentam bom potencial produtivo, haja vista que nesta região as chuvas foram mais recorrentes e em maiores volumes que no restante do estado. Em contrapartida, as lavouras da safrinha, distribuídas por praticamente todo o Rio Grande do Sul, não apresentam boas condições. A estiagem que assola o estado atingiu as lavouras durante parte do desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos, fazendo com que a expectativa de produtividade destas lavouras, que já é inicialmente baixa, seja ainda menor.

Nas áreas colhidas, até o momento, as produtividades foram boas, as melhores das últimas seis safras, principalmente nas áreas semeadas no início da janela de semeadura, beneficiadas por um bom regime pluviométrico durante boa parte do ciclo. As áreas semeadas mais tarde tiveram pequenas perdas decorrentes de períodos de estiagem que ocorreram a partir de novembro, especialmente na metade oeste do estado, mas ainda atingiram bons patamares de produtividade.

Diante das boas produtividades observadas em parcela significativa da área cultivada, pelos bons resultados obtidos no Planalto Superior e por restar indefinida a produtividade das áreas de safrinha, mantemos a estimativa de produtividade média final divulgada no mês anterior: 7.664 kg/ha. Não houve fato novo que justificasse a alteração da estimativa da área cultivada, assim, mantemos a estimativa de 719,6 mil hectares. Assim como para a soja e o arroz, a Conab está realizando, em campo, o mapeamento da área cultivada com milho na safra 2024/25, de forma a aprimorar as estimativas e retratar, da melhor forma, a realidade de campo da produção de milho do Rio Grande do Sul.

Paraná: a colheita já ultrapassa 90% da área semeada, estando o restante delas em maturação. Com condições climáticas favoráveis, na maior parte do ciclo, esta pode ser considerada uma das melhores safras dos últimos tempos.

Santa Catarina: na região da Serra e Planaltos do estado, a colheita está em andamento, e as produtividades obtidas vêm superando as expectativas iniciais. As lavouras se encontram, em sua maioria, entre enchimento de grãos e maturação. Com o clima favorável, a cultura vem estendendo seu ciclo e expressando seu melhor potencial produtivo.

No meio-oeste, a colheita do milho atinge, até o momento, 79% da área cultivada e o restante encontra-se em maturação. A produtividade atual vem se mostrando muito superior ao estimado inicialmente, com rendimentos pontuais chegando a mais de 13.000 kg/ha, dependendo da região produtora e clima atuante ao longo do ciclo. As médias produtivas mais elevadas são observadas, principalmente, nas lavouras plantadas mais cedo, as quais se desenvolveram sob melhores condições climáticas. Nas lavouras mais tardias, períodos de falta de chuva e altas temperaturas interferiram negativamente em alguns locais, embora pouco representativo em relação ao todo. Nestas, as produtividades podem não ser tão altas, mas ainda assim devem ser positivas. O grão colhido vem apresentando boa qualidade, devendo ser bem aproveitado para produção de ração animal e demais usos. Já no extremo-oeste de Santa Catarina, a colheita está concluída. O produto colhido é de boa qualidade, com produtividade satisfatória e superando, em muitos casos, as projeções iniciais.

Minas Gerais: as lavouras estão em fase final de maturação, secando no campo, e vão sendo colhidas à medida que atingem o grau de umidade ideal. A estiagem prolongada entre fevereiro e março, que atingiu alguns municípios produtores, principalmente nas regiões Noroeste e Triângulo Mineiro, prejudicou as lavouras tardias que se encontravam em fase de enchimento de grãos. Mesmo assim, o desempenho das áreas mais adiantadas e/ou cultivadas sob pivô central, tem atingido a expectativa positiva por parte dos produtores, compensando parte dessas reduções.

São Paulo: a colheita já ocorreu em 90% da área cultivada, com rendimento médio superior a 6.000 kg/ha, motivado pelo clima favorável e forte investimento tecnológico por parte dos produtores.

Goiás: a área cultivada com milho verão no estado manteve-se estável em 149 mil hectares. A produtividade média estimada da safra é de 9.749 kg/ha, desempenho superior ao da safra anterior. A maior parte das lavouras encontra-se atualmente na fase de maturação. O início da colheita já foi observado em algumas áreas, marcando o início da fase final da produção.

A expectativa é que a colheita se intensifique a partir de abril de 2025, à medida que as lavouras atingirem o ponto ideal de umidade para colheita.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado. Em razão dos tratamentos culturais adequados, somados ao clima propício e pacote tecnológico de alta performance, o cereal manteve a boa produtividade de acordo com as expectativas iniciais.

Mato Grosso do Sul: aproximadamente 77% das lavouras atingiram a fase de maturação, e a colheita deverá ser iniciada em meados de abril, com potencial produtivo bem acima da safra anterior. Em Chapadão do Sul, devido a problemas associados ao pulgão, as lavouras cultivadas mais tardiamente estão recebendo as últimas aplicações curativas contra o inseto.

Distrito Federal: estima-se que cerca de 60% das lavouras já foram colhidas em uma área plantada de 15,5 mil hectares, semelhante à cultivada no ciclo passado. A produtividade registrada, até o momento, supera os 9.400 kg/ha. O clima favoreceu o desenvolvimento das lavouras, com as chuvas auxiliando o crescimento das plantas e pontualmente foi utilizada irrigação nos períodos de enchimento de grãos para manutenção da umidade no solo.

Bahia: as lavouras se encontram nas fases de enchimento de grãos, maturação e uma menor parte em colheita. No extremo-oeste, a colheita deve iniciar em abril e mesmo com maior infestação de cigarrinha, a produção estimada é maior que a da safra anterior. Nas regiões centro-norte

e sul, aproximadamente metade das áreas foram colhidas, mas a escassez de chuvas prejudicou o desenvolvimento das lavouras e reduziu o potencial produtivo da cultura.

Piauí: as lavouras se desenvolviam em boas condições até a primeira quinzena de fevereiro, porém, a partir deste período registrou-se um longo veranico, com algumas áreas contabilizando até 40 dias sem ocorrência de chuvas e esta situação prejudicou as lavouras que se encontravam em momento crítico de enchimento de grãos. No sudeste e parte do centro-norte, onde prevalece a agricultura familiar, a situação é crítica devido à falta de chuvas.

Maranhão: a colheita se aproxima do início em algumas áreas da região de Balsas, e as lavouras foram beneficiadas pelas boas condições climáticas. Nas demais regiões do estado, o milho se encontra desde o estágio de desenvolvimento vegetativo até maturação, com precipitações ocorrendo com frequência, beneficiando o cereal.

Pará: as lavouras continuam a se desenvolver em ótimas condições, com chuvas frequentes, intercaladas com períodos de sol.

Tocantins: em abril será iniciada a colheita, época em que as precipitações diminuem no estado e favorece a secagem do grão no campo. As expectativas de produtividade são otimistas devido às boas condições climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da cultura.

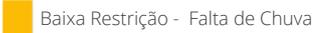
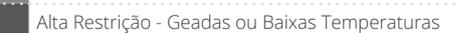
Rondônia: de acordo com as informações levantadas e observações em campo, as áreas implantadas com o milho da primeira safra se apresentam quase totalmente colhidas, em 95%, e o restante em maturação. As produtividades obtidas superaram as estimativas iniciais.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025																
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL					
PA	Sudeste Paraense	1,85							S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
TO	Ocidental do Tocantins	0,90					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins	0,63					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C					
MA	Oeste Maranhense	1,43							S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Maranhense	0,58							S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Leste Maranhense	0,49							S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Maranhense	3,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C							
	Sudoeste Piauiense	7,00				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C							
BA	Extremo Oeste Baiano	8,11			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C	C					
MT	Norte Mato-grossense	0,77			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C							
GO	Centro Goiano	0,53			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C							
	Leste Goiano	1,89			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C							
	Sul Goiano	2,40			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C							
MG	Noroeste de Minas	3,35			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C							
	Norte de Minas	0,71			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,78			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C							
	Oeste de Minas	1,58			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	3,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Campo das Vertentes	2,15			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C							
	Zona da Mata	0,57			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C							
SP	São José do Rio Preto	0,67			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C								
	Ribeirão Preto	0,65			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C								
	Bauru	0,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Campinas	1,57			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C								
	Itapetininga	2,00			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Macro Metropolitana Paulista	0,72			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Norte Pioneiro Paranaense	0,62			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
PR	Centro Oriental Paranaense	3,05		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Centro-Sul Paranaense	3,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Sudeste Paranaense	2,14		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Metropolitana de Curitiba	1,78		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
SC	Oeste Catarinense	5,02		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C							
	Norte Catarinense	1,26		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Serrana	1,70		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Vale do Itajaí	0,71		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							
	Sul Catarinense	0,49		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C							

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	8,44	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	2,68		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,75	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,55		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.491	90.255,0
2024/25	Mar./25	16.748,6	5.703
	Abr./25	16.895,0	5.794

Fonte: Conab.

O plantio alcançou 97,9% da área estimada no final de março, restando apenas algumas áreas em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná.

As condições para a implantação da segunda safra foram favoráveis na maioria das regiões produtoras. Entretanto, em algumas regiões de Goiás e em praticamente todo estado de Minas Gerais, a redução das precipitações em fevereiro e no início de março prejudicaram a evolução do plantio, que chegou a ser paralisado, e o estabelecimento inicial da cultura.

Nesta safra, o plantio é esperado em 16.895 mil hectares, área 2,8% superior à cultivada no último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o clima apresentou chuvas bem distribuídas e uniformes, e foi favorável para o desenvolvimento inicial e bom estabelecimento dos cultivos.

A semeadura foi finalizada no estado, e a maior parte das lavouras foram implantadas dentro da janela ideal, ou seja, plantadas até 20 de fevereiro. Entretanto, uma parcela significativa dos roçados foi concluída após o período recomendado, com relatos de plantio dentro da primeira quinzena de março. O regime de chuvas ainda está de acordo com a exigência do cereal e espera-se que abril e maio tenham chuvas suficientes para manter o desenvolvimento reprodutivo do milho semeado fora de janela. A cultura apresenta bom vigor no desenvolvimento vegetativo e início de florescimento, sem ocorrências anormais de pragas e doenças.

Paraná: em março, as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliadas aos maiores valores de temperaturas deste período, têm aumentado a evapotranspiração, o que culmina, em alguns pontos, em menores níveis de água no solo. Estas condições de menor umidade no solo têm provocado atraso no plantio da cultura, que está atualmente com 91% executado. As lavouras implantadas apresentam bom desenvolvimento, em sua maioria, com áreas pontuais apresentando sintomas de déficit hídrico.



Foto 9 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Castro-PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: na região norte, os bons volumes de chuvas precipitados mantiveram as lavouras com boa sanidade e desenvolvimento uniforme dos talhões. No entanto, a irregularidade das precipitações, concentradas em boa parte da região sul e leste do estado, comprometeu pontualmente alguns talhões, porém ainda há umidade suficiente em praticamente todas as regiões produtoras. A semeadura aproxima-se do fim em boa parte do estado, restando poucos talhões em que a soja estava mais atrasada ou que a umidade no solo está inadequada. Por outro lado, com aproximadamente 70% das áreas cultivadas, as lavouras na região de transição do início do pantanal seguem mais atrasadas devido aos veranicos desse período. De maneira geral, as lavouras já emergidas em excelentes condições, com bom estande e desenvolvimento. Os percevejos e a cigarrinha, que são as principais pragas da cultura, estão ocorrendo em menor índice que o normal, com controles sendo empregados pontualmente quando o monitoramento indica nível de dano econômico. A aplicação preventiva de fungicida tem sido antecipada para a fase de V5 devido ao aumento de danos foliares provocados por *Bipolaris maydis*.

Minas Gerais: o plantio de milho safrinha está praticamente finalizado na região norte. Essa safra começou de forma desafiadora para os produtores, tendo em vista a estiagem que assolou os municípios da região por mais de 40 dias, em algumas localidades. Os primeiros produtores que semearam o cereal após a colheita das primeiras áreas de soja, na virada de janeiro para fevereiro, pegaram as últimas chuvas e umidade do solo suficientes para emergência das plantas com vigor.

Entrando em fevereiro, na primeira quinzena do mês, já contabilizados alguns dias sem chuvas e temperaturas altas, o plantio prosseguiu em ritmo mais lento, à medida que as chuvas esparsas ocorriam e propiciavam a semeadura. Com o clima a partir do segundo decêndio de fevereiro cada vez mais adverso, a semeadura foi paralisada em alguns municípios, com parte dos produtores tentando renegociar os insumos que seriam utilizados durante o ciclo da cultura com seus fornecedores (revendas/cooperativas), para diminuir os riscos e os prejuízos. Quem não obteve sucesso acabou optando por trocar o cultivo do milho para sorgo e outras culturas de cobertura, ou até mesmo deixar a área em pousio. Aqueles que optaram por semear acreditando que o solo ainda possuía umidade suficiente para emergência, depararam-se com suas plantas morrendo durante esse período.

As precipitações retornaram para as regiões produtoras em meados de março, e há relatos de produtores semeando o cereal mesmo fora da janela recomendada, por vislumbrarem oportunidade de mercado diante de uma iminente quebra de safra. Nesse sentido, também há produtores que geralmente cultivavam feijão irrigado, dando preferência para o milho grão, visando lucratividade.

Temos praticamente dois cenários para as lavouras de milho safrinha no estado, aquelas que foram semeadas dentro da janela ideal e que foram muito impactadas pela seca e aquelas semeadas fora da janela, já em março, antes das primeiras chuvas retornarem. Nas últimas, e que são minoria, temos um risco extremamente elevado devido à demanda hídrica da cultura. Já as primeiras, apresentam elevada queda de potencial produtivo, pois além de falhas de estande, ficaram submetidas a elevado nível de estresse, apresentando um crescimento vegetativo lento para o período, visto que nos casos mais extremos registrou-se perda de áreas também. Em muitas áreas, a adubação de cobertura não foi realizada no período recomendado devido à falta de umidade, tampouco as pulverizações, pois em alguns casos, o produtor optou por não investir ainda mais na lavoura sem saber se a área teria viabilidade.

Goiás: a área cultivada com milho safrinha em Goiás mantém-se nas estimativas iniciais, totalizando 1.630 mil hectares. A semeadura foi encerrada, marcada por desafios climáticos significativos. A estiagem prolongada durante março levou muitos produtores a desistirem do plantio, optando por culturas de cobertura para a produção de palhada. Isso não impactou em uma redução significativa de área no estado. Essa decisão visou garantir a proteção do solo e a melhoria de suas características físicas e químicas.

As lavouras semeadas no início da janela de cultivo sofreram com o estresse hídrico, apresentando sintomas de deficiência de água. No entanto, o retorno das chuvas na segunda quinzena de março proporcionou um alívio para as plantas e permitiu a retomada do desenvolvimento da cultura.

A pressão de pragas e doenças tem se mantido baixa nesta safra, com os casos de ataques de cigarrinhas sob controle. Essa situação favorável

contribui para o bom desenvolvimento das lavouras e para a redução dos custos de produção.



Foto 10 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Santa Helena de Goiás-GO

Fonte: Conab.

São Paulo: o plantio do cereal se aproximou da finalização no final de março, com boas condições climáticas sendo registradas na maioria das regiões, favorecendo o estabelecimento inicial da cultura.

Distrito Federal: as lavouras de milho segunda safra no Distrito Federal foram afetadas por um período de restrição hídrica. Em algumas áreas, essa restrição ultrapassou 40 dias. A falta de umidade foi mais evidente em locais com cascalho, margens de estradas e lavouras com solo mais compactado.

As plantas apresentaram folhas enroladas durante o dia, retardando o desenvolvimento e impactando o potencial produtivo da cultura. As precipitações retornaram na última semana de março, trazendo alívio às lavouras e melhores condições climáticas, amenizando o estresse hídrico sofrido no período.

A presença de cigarrinhas e percevejos tem sido uma das principais preocupações nesta safra. O curto intervalo entre a colheita da soja e a imediata semeadura do milho pode estar favorecendo a sobrevivência dessas pragas.

Apesar dos desafios climáticos e fitossanitários, há um cenário otimista para a produção de milho safrinha na safra 2024/25.

Maranhão: o plantio foi finalizado na principal região produtora, em Balsas, no sul do estado. As condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento do cereal. Nas demais regiões a semeadura ainda ocorre pontualmente, e o desenvolvimento da cultura é favorecido pelas chuvas regulares que ocorrem no estado.

Piauí: o plantio foi finalizado no último decêndio de março, e as lavouras seguem se estabelecendo em boas condições, em sua maioria. Porém, algumas áreas nos municípios de Uruçuí e Sebastião Leal sofreram com um veranico em fevereiro e parte de março e apresentam falhas na lavoura. Como nesta safra a semeadura iniciou mais cedo e em muitas áreas não houve problemas de déficit hídrico, deve-se confirmar aumento significativo de área em relação à safra anterior em virtude de uma maior janela de plantio.



Foto 11 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Bahia: o plantio está finalizado, e as lavouras se apresentam em fase de desenvolvimento vegetativo. A qualidade das lavouras é boa e não há relatos de problemas com a cigarrinha. As expectativas continuam positivas, principalmente devido à grande reserva hídrica no solo e à expectativa do prolongamento da estação chuvosa.



Foto 12 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Luis Eduardo Magalhães-BA

Fonte: Conab.

Paraíba: até o fim de março, somente 17% da área estimada foi semeada. A má distribuição das chuvas, mesmo com a pluviosidade dentro da média histórica para o período, foi a responsável pelo atraso. A semeadura na zona da mata ocorre em momento posterior ao plantio no Sertão e Vale do Piancó.

Devido ao veranico entre fevereiro e março, houve perda significativa da cultura, que se encontrava em seu estágio inicial de desenvolvimento, o que irá acarretar na necessidade de replantio, principalmente no Alto Sertão. As lavouras de milho se encontram em condições regulares e com as fases fenológicas divididas entre desenvolvimento vegetativo (56,6%) e floração (42,8%).

Pernambuco: as lavouras de milho se encontram majoritariamente em fase reprodutiva e em boas condições.

Tocantins: as lavouras estão em diferentes estágios fenológicos, desde desenvolvimento vegetativo até o pré-pendoamento. Em Campos Lindos e Caseara, o plantio foi estendido até o primeiro decêndio de março. Nesta safra, o produtor antecipou as aplicações de defensivos para o controle da mancha de bipolaris no milho. As condições climáticas, até o momento, têm favorecido o desenvolvimento do cereal.



Foto 13 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo
- Aparecida do Rio Negro-TO

Fonte: Conab.

Pará: as lavouras estão com boas condições de campo, com desenvolvimento satisfatório e sem relatos de ataques de pragas significativos. As precipitações ocorrem com regularidade em todas as regiões produtoras.

Rondônia: o excesso de precipitações atrasou a colheita da soja e, conseqüentemente, a implantação do milho segunda safra, principalmente no centro/norte do estado. De acordo com as informações levantadas e as observações em campo, as áreas semeadas se apresentam em franco desenvolvimento. Do total de área prevista já foram plantados aproximadamente 83%, e a maioria se encontra em desenvolvimento vegetativo.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2024/25										
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET		
RO	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C			
PA	Baixo Amazonas	0,41		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C			
	Sudeste Paraense	0,55		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C			
TO	Ocidental do Tocantins	0,95	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C				
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C				
MA	Sul Maranhense - MA	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense	0,67		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	32,89	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Nordeste Mato-grossense	8,14	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Mato-grossense	0,79	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Mato-grossense	0,64	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Mato-grossense	5,87	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,63	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul	0,96	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	9,16	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
GO	Norte Goiano	0,25	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Goiano	0,58	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Leste Goiano	1,08	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	10,71	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
DF	Distrito Federal	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	0,85	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,51	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto	0,19		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Bauru	0,19		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Assis	1,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Itapetininga	0,51		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
PR	Noroeste Paranaense	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense	2,21	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Central Paranaense	3,39		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,56		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C		
	Oeste Paranaense	4,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,40	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2024/25, a Conab prevê uma produção total de 124,7 milhões de toneladas de milho, um acréscimo esperado de 7,8%, comparando-se à safra anterior. Essa expansão na produção total é resultado, principalmente, da recuperação de produtividade esperada e do incremento de área de milho de segunda safra. Cabe destacar que a Conab projeta um acréscimo de 0,4% na área plantada total e um acréscimo de 6,5% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia projeta que 87,1 milhões de toneladas de milho da safra 2024/25 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2025, ou seja, um aumento de 3,7%, comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, o volume de importação total, para a safra 2023/24, foi de 1,6 milhão de toneladas do grão, em razão da redução do excedente produtivo nacional. Ademais, para a safra 2024/25, a estimativa é de comportamento próximo da estabilidade das importações do grão pelo Brasil, em meio a uma perspectiva de manutenção do cenário de redução do excedente produtivo do país.

Para as exportações, com a menor oferta nacional na safra 2023/24, o Brasil comercializou 38,5 milhões de toneladas, sendo este volume 29,5% inferior ao observado na safra 2022/23. Para a safra 2024/25, a perspectiva é de mais uma leve redução do volume exportado, dado os consistentes aumentos de demanda interna por milho nacional e a subsequente menor sobra de produto para comercialização no mercado internacional.

Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2026, ou seja, ao fim do ano-safra 2024/25, deverá ser de 7,4 milhões de toneladas, sendo este montante 261,2% superior ao da safra 2023/24.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6	
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1	
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3	
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9	
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3	
2023/24	7.201,3	115.697,2	1.644,7	124.543,2	83.995,5	38.500,9	2.046,8	
2024/25	fev/25	2.046,8	122.760,3	1.700,0	126.507,1	86.970,6	34.000,0	5.536,5
	mar/25	2.046,8	124.743,4	1.700,0	128.490,2	87.097,9	34.000,0	7.392,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

47.515,7 mil ha
+3,0%

PRODUTIVIDADE

3.533 kg/ha
+10,4%

PRODUÇÃO

167.869,8 mil t
13,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	37.229,7	3.381	125.884,2	
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3	
2021/22	41.793,8	3.026	126.479,6	
2022/23	44.384,0	3.508	155.713,4	
2023/24	46.149,6	3.201	147.712,1	
2024/25	Mar./25	47.450,7	3.527	167.369,5
	Abr./25	47.515,7	3.533	167.869,8

Fonte: Conab.

Com 81,4% da área colhida, a safra 2024/25 se confirma como a maior produção já registrada da oleaginosa na história do país. A redução das precipitações em março, na Região Centro-Sul, facilitou esse avanço, porém chegou a prejudicar lavouras mais tardias em Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Vários estados estão obtendo recordes de produtividade, como São Paulo, Goiás, Tocantins e Mato Grosso, que sozinho se aproxima de uma produção de quase 50 milhões de toneladas.

O destaque negativo, pelo quarto ano consecutivo, é o Rio Grande do Sul, que apesar do início de cultivo promissor, sentiu os efeitos da ausência e irregularidades das precipitações a partir de dezembro, esta situação continuou até o fim de fevereiro. O estado também foi ultrapassado por Goiás na produção de soja e agora ocupa a quarta colocação.

A produção estimada para a safra 2024/25 é de 167.869,8 mil toneladas, 13,6% superior à da safra 2023/24 e 7,8% superior ao recorde anterior da safra 2022/23.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita da soja caminha para os últimos talhões, mais precisamente na porção sudoeste mato-grossense. De maneira geral, apesar dos excessos chuvosos, o rendimento estadual se mostra superior às estimativas iniciais, e com boa qualidade dos grãos no saldo final da safra. Quanto ao manejo das lavouras, os cuidados continuam direcionados na contenção de pragas e doenças nas lavouras em maturação que ainda restam em campo.

Paraná: durante o presente mês, as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na temporal, o que aliadas aos maiores valores de temperaturas permitiram o avanço das colheitas. No final de março ela alcançou 90% da área semeada, bem acima da média dos últimos cinco anos, de 67,2%.

Em algumas regiões, principalmente norte e oeste, a produtividade foi rebaixada, tendo em vista a influência da estiagem que provocou abortamento de flores e vagens nas lavouras tardias, mas que foram compensadas pelas boas produtividades obtidas nas demais regiões.

Mato Grosso do Sul: na região centro-sul a colheita ganhou ritmo e evidenciou grande variação produtiva em razão dos períodos secos e quentes que ocorreram durante o ciclo da cultura. Por outro lado, o norte do estado apresentou chuvas regulares e acumulados acima de 100 mm, inviabilizando a operacionalização da colheita em alguns municípios.

A colheita está em seu pico de atividade, com as operações mais adiantadas nas regiões dos Chapadões e sul do estado, com 85% das áreas já colhidas. As demais áreas, devido ao calendário de cultivo mais tardio, encontram-se com mais talhões a serem colhidos, em torno de 60%, e foram as mais afetadas pela estiagem de janeiro.

Rio Grande do Sul: março foi mais um com chuvas em volume, regularidade e distribuição espacial inadequadas para a cultura da soja no Rio Grande do Sul. Assim, pelo terceiro mês consecutivo reduzimos a estimativa de produtividade média final da cultura. A nova projeção indica para 2.136 kg/ha, redução de 14% em relação ao divulgado no mês anterior (2.495 kg/ha), 28% em relação ao previsto inicialmente (2.974 kg/ha), 26% em relação à safra passada (2.905 kg/ha) e mais de 45% em relação à produtividade que poderia ter sido alcançada em condições normais de produtividade. A influência do La Niña sobre o regime pluviométrico do Rio Grande do Sul causou a diminuição da regularidade das chuvas desde novembro, especialmente na metade oeste do estado. A partir de janeiro, a situação chegou em praticamente todas as regiões, persistindo em fevereiro. Embora, a partir da metade de fevereiro, as chuvas tenham ocorrido em maiores volumes e mais frequentes que no mês anterior, eles não foram capazes de recuperar a disponibilidade de água dos solos, e as plantas continuaram sofrendo com o estresse hídrico.

Outra condição que prejudicou severamente o desenvolvimento das plantas foram as ondas de calor que passaram pelo estado trazendo temperaturas

máximas acima de 40° C em praticamente todas as regiões do estado, aumentando o estresse das plantas. Em março, o quadro não foi diferente, e a irregularidade das chuvas também chegou no Planalto Superior, onde, até o momento, as condições eram, majoritariamente, próximas da média histórica, sendo suficiente para produtividades razoáveis.

As condições meteorológicas levaram a uma heterogeneidade muito grande na condição das lavouras, até mesmo dentro de um mesmo município. Até metade de fevereiro acreditava-se que com o retorno das chuvas as lavouras semeadas tardiamente poderiam apresentar recuperação e obter boas produtividades, mas as chuvas não vieram e as perdas nestas áreas se intensificaram significativamente, representando a maior parcela da redução da estimativa final de produtividade deste levantamento e avaliação da safra gaúcha. No campo, restam apenas 4% das áreas em florescimento (safrinha) e 33% das áreas em enchimento de grãos. Nestas áreas os produtores ainda realizam os manejos fitossanitários, mas em alguns casos, diante das perdas consolidadas das lavouras, os produtores desistem de novas aplicações, visando diminuir os custos de produção. Em maturação estão 34% das lavouras do estado. As condições climáticas fazem com que a maturação dos grãos seja desuniforme, e muitos produtores são forçados a dessecar suas lavouras para que a colheita dos grãos bons possa ser realizada, incorrendo em aumento do custo de produção das lavouras.

Ao final de março, a colheita da cultura no estado havia sido realizada em 29% da área cultivada. Em muitos casos houve aceleração da senescência das plantas em razão da estiagem, e os produtores foram obrigados a antecipar a colheita. Assim como as condições das lavouras, a qualidade dos grãos é diversa. Em algumas áreas, onde houve abortamento significativo de flores e vagens, os grãos que restaram nas plantas apresentam boa qualidade. Em situações em que a estiagem foi persistente e severa durante o enchimento de

grãos, eles apresentam redução da densidade (peso de mil grãos) e maturação incompleta (grãos verdes e/ou com tegumento enrugado).

Entre as regiões produtoras, no Alto Uruguai, embora as chuvas que ocorreram em fevereiro e março, os volumes baixos fizeram com que a expectativa de produtividade fosse reduzida novamente, haja vista a má condição das lavouras tardias. Atualmente as estimativas da região estão em torno de 2.000 kg/ha. Nas Missões, Fronteira Oeste e oeste da Depressão Central é onde se observam as piores condições das lavouras, com produtividades de apenas 500 kg/ha em algumas lavouras. No Planalto Médio e Planalto Superior, a situação não é boa, mas as expectativas de produtividade são melhores, aproximadamente 2.500 kg/ha a 3.000 kg/ha. De toda forma, salientamos, novamente, que existe grande heterogeneidade entre as condições e estimativas de produtividade das lavouras dentro das regiões produtoras.

Não houve fato novo que justificasse ajuste na estimativa da área cultivada da cultura no Rio Grande do Sul. Assim como para o milho e o arroz, a Conab está realizando, em campo, o mapeamento da área cultivada com soja na safra 2024/25, de forma a aprimorar as estimativas e retratar, da melhor forma, a realidade de campo da produção de soja do Rio Grande do Sul.

Santa Catarina: as chuvas irregulares, neste primeiro trimestre de 2025, têm afetado as áreas de safrinha, que está concentrada nas regiões de Chapecó, São Miguel do Oeste e Xanxerê. A soja é cultivada pós-milho, fumo e outras culturas em sucessão.

Nas regiões mais altas, como Planalto e Serra, a colheita avança e da mesma forma que para o milho, as condições climáticas foram benéficas para a cultura da soja, principalmente com relação às chuvas ocorridas ao longo do ciclo, as quais favorecem o crescimento e formação de vagens e grãos.

O meio-oeste iniciou a colheita em meados de fevereiro, que está concluída em 38% das lavouras, estando o restante, principalmente, no final dos estádios reprodutivos e maturação. Em vários locais o clima se apresenta mais seco, com falta de chuvas ou precipitações de baixo volume e mal distribuídas. O calor excessivo atuou em todas as regiões desde o final de fevereiro até a primeira quinzena de março, quando as temperaturas apresentaram uma redução em todas as regiões, favorecendo até mesmo a formação de geada nos pontos mais altos da Serra catarinense.

Goiás: o regime de chuvas reduzido durante março proporcionou condições favoráveis para o progresso da colheita da soja, que alcançou 90% da área semeada no final do mês. No entanto, essa escassez hídrica impactou negativamente as lavouras que se encontravam na fase final de enchimento de grãos, principalmente nas regiões leste, norte e oeste. Essa redução não impactou negativamente na produtividade geral do estado. Essas regiões apresentam um calendário de plantio mais tardio e cultivares de ciclo mais longo, encontrando-se na fase final de maturação. Em algumas áreas da região sul, onde a colheita estava em andamento, os níveis de umidade dos grãos chegaram a níveis baixos (entre 9% e 12%), o que influenciou o peso específico dos grãos. Por outro lado, na região sudoeste, as condições climáticas foram mais favoráveis, mesmo com a redução das chuvas, uma vez que as lavouras se encontravam em estágios de desenvolvimento mais avançados e, portanto, menos suscetíveis aos efeitos da estiagem.

A área plantada permanece em 4.954,7 mil hectares, e a produtividade média ponderada atualizada é de 4.122 kg/ha. Essa média reflete um leve aumento do rendimento, principalmente da região sudoeste.

Minas Gerais: com 93% das lavouras colhidas no estado, no final de março, a safra de soja vai ganhando números finais. O ciclo desse ano vem obtendo

resultados superiores ao ano anterior, onde a cultura sofreu desde o início do plantio, com atrasos e replantios de lavouras devido às condições climáticas. O resultado desse ano poderia ser maior se não fosse a estiagem de 40 dias, principalmente no norte do estado, que prejudicou algumas lavouras no final do ciclo. O clima bastante seco de fevereiro e da primeira quinzena de março, associado às temperaturas médias mais elevadas, resultaram em adiantamento do ciclo da cultura, uma vez que nos materiais de ciclos mais longos estima-se uma antecipação de até 15 dias, conseqüentemente, esperam-se quebras devido à menor conversão de fotoassimilados em matéria seca. Soma-se a isso a fase de enchimento de grãos, que ficou muito comprometida durante o veranico devido ao déficit hídrico.

Por outro lado, as lavouras de ciclos curto e médio foram beneficiadas pelo clima favorável registrado entre novembro de 2024 e a primeira quinzena de janeiro de 2025, superando as previsões para essas áreas. Não podemos deixar de mencionar as lavouras irrigadas, onde obtivemos excelentes rendimentos também. Vale ressaltar que estas possuem elevada representatividade na região noroeste. Como as lavouras de ciclos curto e médio predominam no estado, registramos uma discreta evolução na produtividade média da oleaginosa em relação ao último levantamento, alcançando 3.927 kg/ha.

São Paulo: a colheita se aproxima da finalização no estado, alcançando 97% da área cultivada no final de março. As produtividades superaram as estimativas iniciais e os da safra anterior, e está estimada em 3.880 kg/ha.

Distrito Federal: já foi colhida 99% da área, restando poucas áreas semeadas tardiamente para a finalização. Na primeira quinzena de março, a região enfrentou temperaturas acima da média e chuvas abaixo do normal, decorrentes do bloqueio atmosférico. Esses fatores favoreceram a maturação da cultura, aceleraram a redução da umidade nos grãos e encurtaram o ciclo

da leguminosa. A soja cultivada no Distrito Federal apresentou um PMS (Peso Médio de 1.000 Sementes) de 170g, resultado do bom manejo e das boas práticas adotadas pelos produtores.

Bahia: a colheita avança em 80% da área semeada e deve se estender até meados de abril. As chuvas regulares criaram condições para a antecipação do plantio em relação à safra passada, antecipando consequentemente a colheita. As lavouras restantes se apresentam em fase final de enchimento de grãos e maturação, com a expectativa de se alcançar produtividade acima da média dos últimos cinco anos.



Foto 14 - Soja - Ponto de colheita - Barreiras-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: nesta safra, devido ao bom regime de chuvas e ao maior investimento em insumos e tecnologia utilizado pelos produtores, as produtividades devem superar às obtidas no último ciclo.

Por outro lado, ocorreram relatos de menores produtividades na soja plantada em outubro de 2024 e novembro de 2024 nos municípios de São Domingos do Azeitão e em algumas áreas de Balsas devido a veranicos ocorridos em novembro, porém de baixa representatividade.

Na microrregião de Chapadinha, as lavouras de soja se encontram entre os estágios fenológicos de desenvolvimento vegetativo a enchimento de grãos. Todas nos campos estão em boas condições de desenvolvimento e, até o momento, não houve nenhuma indicação para ataques de pragas ou outro fator qualquer para impactar de forma negativa nas lavouras. No final de março 58% da área havia sido colhida, e as operações devem prosseguir até meados de junho.

Piauí: a semeadura da cultura no Piauí acontece em quase sua totalidade em novembro, porém nesta safra, devido à ocorrência de chuvas mais cedo na região produtora, houve a antecipação, com algumas áreas iniciando a semeadura a partir do dia 19 de outubro. Porém, com a irregularidade das chuvas, a operação de plantio se estendeu até a segunda quinzena de dezembro no sudoeste piauiense (Cerrado). A estimativa inicial apontava para uma produtividade um pouco abaixo da alcançada na safra passada, porém, com o início da colheita na primeira quinzena de fevereiro, considerando que a maior parte das lavouras estavam em fase final de enchimento de grãos e maturação, encontrando-se em ótimas condições, houve um ajuste na produtividade, ficando acima da alcançada na safra anterior. No entanto, com a ocorrência de veranicos no começo de fevereiro e que se prolongou por todo o mês, com algumas áreas contabilizando mais de 30 dias sem chuvas, principalmente nos municípios de Sebastião Leal, Palmeira do Piauí, Currais e parte de Uruçuí, a produtividade ainda está em aberto, esperando a contabilização dos números finais para o seu fechamento.



Foto 15 - Soja - Colheita - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Ceará: apesar da instabilidade climática, o plantio avança no estado.

Tocantins: no oeste do estado, no município de Caseara, assim como no nordeste, em Campos Lindos, a colheita se aproxima da finalização, com produtividades satisfatórias sendo alcançadas. A redução das precipitações favoreceu a evolução dos trabalhos de campo, alcançando 83% da área colhida no final de março. Os trabalhos serão concluídos em meados de abril, e a produção deverá ser recorde no estado.

Pará: as precipitações frequentes têm favorecido o desenvolvimento da cultura nas regiões de Paragominas e Santarém. As produtividades das primeiras lavouras têm animado os produtores, mesmo com as interrupções frequentes das operações de colheita, que deverá ser finalizada em meados de maio.

Nas regiões da Br-163 e Redenção, a colheita se encaminha para a finalização, com resultados superiores às estimativas iniciais.

Rondônia: apesar do excesso de precipitações ocorridas no período, principalmente na parte centro/norte do estado, 87% do total das áreas semeadas já foram colhidas. Devido ao plantio escalonado, ainda encontramos em final de enchimento de grãos e maturação. As produtividades obtidas continuam a indicar ótimos rendimentos.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025									ABR	MAI						
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR										
RO	Leste Rondoniense	1,01		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C										
PA	Sudeste Paraense	1,67		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	C								
TO	Ocidental do Tocantins	1,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C									
	Oriental do Tocantins	1,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C									
MA	Sul Maranhense	1,43		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
PI	Sudoeste Piauiense	2,17		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C								
BA	Extremo Oeste Baiano	5,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C								
MT	Norte Mato-grossense	17,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Nordeste Mato-grossense	5,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Sudoeste Mato-grossense	0,76	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Sudeste Mato-grossense	3,97	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,07		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C									
GO	Noroeste Goiano	0,69		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Centro Goiano	0,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Leste Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Sul Goiano	7,72		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Noroeste de Minas	1,60		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,74		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
SP	Assis	0,77		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Itapetininga	0,91		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C									
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C										
	Norte Central Paranaense	2,47		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Norte Pioneiro Paranaense	1,24		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
	Centro Oriental Paranaense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C								
PR	Oeste Paranaense	2,13	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C										
	Sudoeste Paranaense	1,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C									
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C								
	Sudeste Paranaense	0,92		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C								

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
SC	Oeste Catarinense	0,95		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C		C
RS	Noroeste Rio-grandense	4,07		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,71		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,10		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2024/25

SOJA EM GRÃOS

A Conab revisou a estimativa da safra 2024/25, aumentando a projeção em mais 500 mil toneladas. Assim, a estimativa da safra passou de 167,37 milhões de toneladas para 167,87 milhões de toneladas.

Esse ajuste impactou diretamente as exportações do ano comercial de 2025, que foram revisadas para cima em mais 110 mil toneladas, totalizando agora 105,858 milhões de toneladas.

Como consequência, os estoques finais da safra 2024/25 sofreram um aumento de 356 mil toneladas, fechando então em 2,59 milhões de toneladas.

Não há alterações significativa para a estimativa de óleo e de farelo de soja.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2023/24	7.136,3	147.721,1	821,0	155.678,3	56.105,7	98.814,5	758,2
	2024/25	758,2	167.869,8	500,0	169.128,0	60.675,0	105.858,4	2.594,5
FARELO	2023/24	1.877,7	40.716,4	0,7	42.594,8	18.000,0	23.133,8	1.461,0
	2024/25	1.461,0	43.757,1	1,0	45.219,1	19.500,0	23.600,0	2.119,1
ÓLEO	2023/24	310,4	10.559,7	99,2	10.969,2	9.429,0	1.367,2	173,0
	2024/25	173,0	11.361,0	50,0	11.583,9	9.961,0	1.400,0	222,9

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.772,8 mil ha

-9,3%

PRODUTIVIDADE

3.056 kg/ha

+18,5%

PRODUÇÃO

8.472,3 mil t

+ 7,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Mar./25	2.995,0	9.177,8
	Abr./25	2.772,8	8.472,3

Fonte: Conab.

A safra 2024/25 da cultura já iniciou-se, e, em Goiás, ganha velocidade, enquanto em Minas Gerais está apenas começando. A semeadura é concentrada em maio e junho nos principais estados produtores, e a produção é superior à safra anterior, projetada com expectativa de recuperação das produtividades, suportadas por modelos estatísticos, baseadas na análise das tendências climáticas e de mercado. A área cultivada apresenta uma redução de aproximadamente 9,5% em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição no Rio Grande do Sul e, em especial, no Paraná.

No Rio Grande do Sul, algumas variáveis influenciam na incerteza de plantio, como a rentabilidade, o crédito e limitações dos seguros agrícolas.

Já no Paraná, a redução na área cultivada é motivada principalmente pelo desestímulo dos produtores diante dos baixos preços pagos nas últimas safras e da produtividade abaixo do potencial. Também contribuem os elevados custos de produção, especialmente com seguro agrícola, as frustrações recentes com a cultura e o aumento da área destinada à segunda safra de milho.

OFERTA E E DEMANDA

Em março de 2025, em meio a uma escassa oferta interna, houve a necessidade de aumento das importações, este fato equiparou as cotações domésticas ao mesmo patamar da paridade de importação argentina. As aquisições internas foram prejudicadas devido ao alto custo logístico e da pouca disponibilidade de fretes. No Paraná, a média mensal da cotação foi de R\$ 77,65 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 5,76%. Já no Rio Grande do Sul, a média foi de R\$ 70,45 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 4,92%.

No mercado internacional, apesar das preocupações com a política tarifária do governo norte-americano e da retaliação dos países envolvidos, a alta do dólar, que reduz a competitividade do trigo dos Estados Unidos e o fraco desempenho nas exportações semanais norte-americanas atuaram como fatores de pressão das cotações internacionais, sendo a média FOB Golfo cotada a US\$ 255,36 a tonelada, apresentando desvalorização de 3,25%.

No que se refere à safra atual (2024/25), dados preliminares da balança comercial apontam que, em fevereiro de 2025, o Brasil importou 446,3

mil toneladas de trigo em 13 dias úteis. Já os embarques somam 260,1 mil toneladas no mesmo período.

Já para a safra vindoura (2025/26), a Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade. A estimativa é que sejam plantados 2.772,8 mil hectares (-9,3%), e colhidos 8.472,3 mil toneladas de trigo (+7,4%), com uma produtividade média de 3.056 kg/ha (+18,5%). A redução observada se deve à atualização dos números paranaenses. Com esse cenário, a previsão é encerrar a safra com estoques finais de 1.122,3 mil toneladas.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024	505,3	7.889,3	6.400,0	14.794,6	11.890,6	2.000,0	904,0
2025	mar/25	904,0	9.117,9	5.600,0	15.621,9	11.882,5	1.739,4
	abr/25	904,0	8.472,3	5.600,0	14.976,3	11.854,0	1.122,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em 2024

Previsão em 2025.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: em fevereiro, a região sul passou por um período de estresse hídrico, no entanto, a partir de março, as chuvas passaram a ter maior regularidade, favorecendo lavouras que se encontravam em fase de enchimento de grãos.

Na região norte, poucos municípios iniciaram as operações de colheita, porém as produtividades médias iniciais estão apresentando um bom potencial produtivo. Nas demais regiões, a colheita ganhou ritmo e evidenciou redução nas expectativas produtivas em virtude dos períodos secos e quentes que ocorreram durante o ciclo da cultura. Nas lavouras tardias estão sendo verificadas altas populações de ácaro e elevação na incidência da pinta-preta, mesmo diante dos tratamentos empregados.

Minas Gerais: a colheita atingiu aproximadamente 40% das áreas cultivadas até o fim de março.

O clima mais seco desde o início de fevereiro afetou diretamente a fase de enchimento de grãos da cultura, principalmente naquelas lavouras de terrenos mais arenosos, que são comuns na região de cultivo, o que resultou em quebras nas áreas que já foram colhidas em março.

Sem alterações na área cultivada; registramos uma correção de 10% na produção estimada em relação ao último levantamento, alcançando 50,3 mil toneladas.

Paraná: durante o último mês, as precipitações que ocorreram foram irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliadas aos maiores valores de temperaturas deste período, têm aumentado a evapotranspiração, o que culmina em alguns pontos em menores níveis de água no solo.

A cultura já tem 32% de área colhida. A fase predominante neste mês é a maturação, com 65%. Apesar do rebaixamento da produtividade em relação ao último levantamento, no geral, está melhor que na safra passada.

As condições das lavouras em campo são consideradas boas em 97% e regulares em 3%. Essas condições desfavoráveis já são reflexo das condições climáticas adversas.

A produção desta cultura tem predomínio na região noroeste do Paraná (Paranavaí e Umuarama), focada em produção para indústria de doces e fracionado para venda varejista. As demais regiões têm características de subsistência e produção para pequenas fábricas de doces e comércio varejista/feiras.

Paraíba: as estimativas de condições climáticas para as regiões produtoras são favoráveis, visto que a época de plantio inicia-se com a estação chuvosa nas regiões do Litoral e Agreste no final de março para início de abril.

Não houve confirmação de plantios relevantes. Logo, os dados referentes a março são de intenção de plantio e expectativa de produtividade potencial. Não há previsão de doação governamental de sementes tampouco adoção de tecnologias e práticas agrícolas em relação ao último ano.

São Paulo: esta cultura também é conhecida pela sua tolerância a diversas espécies de pragas, contribuindo para diminuir a quantidade dessas infestações nas áreas plantadas.

No município de Tupã e no seu entorno se concentra atualmente a maior área de cultivo do amendoim no estado.

Com relação ao estágio de desenvolvimento das lavouras, segue nas seguintes condições, 60% em estágio de maturação e 40% colhido.

Produtividade boa. As lavouras colhidas são as primeiras semeadas, as quais sofreram por um período sem chuvas, mas ainda assim, as lavouras obtiveram produção maior se comparada ao ciclo anterior, e o clima, de maneira geral, foi o motivo principal para esse resultado, visto que a produtividade cresceu 54,8%.

Tocantins: o acumulado de chuvas nos últimos 15 dias, na maioria dos estados, foi de 70 mm a 90 mm, incluindo a região sul do estado, onde se concentra a produção do amendoim.

A colheita do amendoim é mecanizada e requer um bom planejamento, que é o arranquio e o recolhimento, onde as lâminas cortam o solo a cerca de 5 cm abaixo das vagens, utilizando um equipamento arrancador/invertedor que faz simultaneamente o arranque e o enleiramento, onde há o amontoamento das plantas em fileira, deixando as vagens para cima, favorecendo o processo de secagem e depois é feito o recolhimento mecanizado das vagens.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2024/2025						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	4,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
SP	Araçatuba	4,42	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,44	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,61	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	13,56	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Marília	22,77	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	14,14	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	13,86	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	11,38	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2023)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: o clima foi favorável ao desenvolvimento inicial do gergelim. Porém, atrasos por conta das constantes chuvas no início do plantio provocaram atrasos pontuais na semeadura.

A semeadura foi finalizada no último mês. A cultura tem recebido investimentos em adubação e controle de pragas, o que pode favorecer a produtividade média. Contudo, é possível uma ligeira queda no rendimento em áreas que sofreram atrasos no plantio por conta das constantes chuvas.

De modo geral, a conjuntura segue promissora para o gergelim, que observou forte expansão no estado nos últimos anos. No entanto, para a safra 2024/25, existe a perspectiva de redução de área, ainda que de forma bem moderada, sem grande oscilação comparativamente ao ciclo passado.

Essa perspectiva de recuo decorre da melhoria dos preços de milho, bem como das melhores condições de clima para a sua semeadura. No ano passado, houve casos de desistência referente à soja e ao milho, com migração para o gergelim devido a aspectos climáticos e mercadológicos, cenário que não ocorre na atual safra.

Assim, além do rompimento com a tendência de ganho acelerado de área, leve retração é esperada. Outro ponto relevante diz respeito às cotações do gergelim, pouco inferiores às registradas no ano passado, tendo em conta a maior oferta. Destaca-se que a maior parte que foi plantada já foi negociada antecipadamente, e que grandes investimentos têm sido realizados na cultura, mais especificamente em manejo, adubação e controle de pragas.

A demanda segue firme, com destaque para a demanda externa, incentivando o produtor a manter sua produção para fazer frente a essa procura. Recentemente tem ocorrido maior diversificação dos países destinatários da produção, com aumento de participação do mercado chinês, em paralelo ao Oriente Médio.

Pará: o clima colabora bastante com as primeiras lavouras plantadas no sudeste do estado e sul da BR-163.

Cultura iniciando o plantio nas áreas de sucessão da soja e milho primeira safra. As lavouras, até o momento, encontram-se em boas condições.

Expectativa de crescimento para este ano em área, pois a cultura está se adaptando muito bem no estado, como também várias empresas de comercialização se instalando nas diversas regiões e principalmente no polo Paragominas.

Tocantins: o acumulado de chuvas nos últimos 15 dias, na maioria do estado, foi de 70 mm a 90 mm, incluindo as regiões produtoras do gergelim.

As lavouras estão em estágio vegetativo em áreas consolidadas com fósforo e NPK, e tem produtores que não realizam a adubação de base, realizando uma cobertura com ureia ou um formulado.

São realizadas de duas a três aplicações com inseticidas no controle de percevejos e lagartas, e de uma a duas aplicações com fungicidas, a depender do investimento do produtor. Em média, são de quatro a cinco aplicações na condução das lavouras, incluindo a dessecação da cultura.



Foto 16 - Gergelim - Desenvolvimento vegetativo - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a colheita da cultura no ciclo 2024/25 foi encerrada em janeiro. Foram cultivados 4,1 mil hectares da cultura, e a produtividade média foi de 1.800 kg/ha, beneficiada pelas chuvas durante boa parte inicial do desenvolvimento e pelo tempo seco na maturação e colheita dos grãos.

A média do teor oleico dos grãos foi ótima e ficou em torno de 45%.

Goiás: a semeadura do girassol no estado foi finalizada, com cerca de 70% das lavouras já na fase de desenvolvimento vegetativo. Para a safra atual, a área plantada estimada é de 47,3 mil hectares, representando uma redução em relação à estimativa anterior de 55 mil hectares.

Apesar desta ligeira diminuição na projeção inicial, a área plantada ainda demonstra um incremento em comparação com a safra anterior. Essa expansão da área de girassol é impulsionada pela estabilidade do mercado e pela janela de plantio mais curta para o milho safrinha, tornando o girassol uma alternativa atrativa para os produtores do estado.

As operações de plantio ocorreram dentro do calendário ideal, garantindo um bom estabelecimento das lavouras.



Foto 17 - Girassol - Desenvolvimento vegetativo - Goiatuba-GO

Fonte: Conab.

Mato Grosso: a quantidade de chuvas, de acordo com a exigência da cultura, foi adequada para o estágio inicial de evolução do girassol.

A implantação do girassol foi finalizada no estado. Devido ao clima propício, associado aos tratamentos culturais, a cultura mostra bom desenvolvimento e

promete bom rendimento caso ocorram chuvas razoáveis e bem distribuídas ao longo de abril e início de maio.

O girassol, que já vem em tendência de redução de área nos últimos anos, tem sofrido muito com a melhoria no quadro do milho, cujos preços elevados e clima mais favorável o tornam ainda mais competitivo em face dos concorrentes, como o próprio girassol.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento da área cultivada devido à alta cotação da saca, e a expansão se dará sobre áreas que seriam destinadas ao feijão e milho.

Queda na produtividade em relação ao levantamento anterior devido ao quadro de estresse hídrico e à alta na produtividade em relação à safra passada devido à alta produtividade do manejo irrigado e à capacidade de recuperação das lavouras com o retorno das chuvas.

Nos últimos 30 dias não ocorreram chuvas, criando um quadro severo de estresse hídrico, prejudicando o desenvolvimento das lavouras. Mesmo nas áreas irrigadas, as altas temperaturas prejudicam o desenvolvimento das plantas.

As lavouras de mamona de sequeiro estão com o plantio finalizado, e as lavouras irrigadas deve ter o plantio estendido até o fim de abril, sendo as últimas lavouras semeadas em sucessão ao feijão e milho irrigado.

A falta de chuvas nos últimos dois meses limita o potencial produtivo das lavouras de sequeiro, com perdas de 10% a 90%, conforme o estágio da

lavoura. As altas temperaturas influencia negativamente na polinização das flores, havendo possibilidade de perdas nas lavouras irrigadas.

Com a chegada do outono espera-se temperaturas mais amenas e maior volume de frutos nos cachos. Não há relatos de perdas por pragas e doenças.

SORGO

Goiás: o plantio foi finalizado ainda em março, com a área total estimada em 394,7 mil hectares. Há possibilidade de um ligeiro aumento na área plantada em alguns municípios da região sul do estado.

Nesta safra, observa-se que produtores optaram por diversificar suas lavouras, até mesmo culturas secundárias como milho, pastagem e, em menor escala, gergelim. As lavouras de sorgo semeadas se encontram atualmente nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando um desenvolvimento dentro dos padrões esperados. As condições climáticas atuais têm sido favoráveis ao bom desenvolvimento da cultura, apesar da irregularidade das precipitações durante a implantação da cultura.

Mato Grosso do Sul: com previsões de semeadura até o início de abril, a cultura tem apresentado boa sanidade e uniformidade das plantas. Até o momento, aproximadamente 46% do cereal já foi implantado, e por conta da falta de umidade no solo, em alguns municípios localizados nas regiões sul e leste do estado, boa parte dos produtores suspenderam os trabalhos de campo até o retorno das precipitações. Cerca de 40% das lavouras se encontram em fase vegetativa V2, sem intercorrências, mas no monitoramento dos talhões mais desenvolvidos têm-se constatado a necessidade de pulverização para controle de lagartas e percevejos.

Mato Grosso: a implantação do sorgo foi finalizada no estado. O volume de chuvas é considerado adequado, e o cereal tem mostrado boa evolução na germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Apesar da rusticidade inerente à cultura, um volume mínimo de pluviosidade é esperado para abril e maio, para que a cultura possa atingir todo seu potencial produtivo.

Minas Gerais: o plantio do sorgo no estado foi afetado pela ausência de precipitações, em grande parte do estado, em fevereiro e início de março. Muitas áreas apresentam população de plantas reduzida e desuniformidade na emergência. O retorno das chuvas a partir da segunda quinzena de março melhorou as condições das lavouras, mas o potencial produtivo da cultura já foi afetado.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em diferentes estágios, desde o plantio, germinação e desenvolvimento vegetativo, restando cerca de 50% da área a ser semeada. As lavouras já semeadas apresentam boa germinação e desenvolvimento, apesar dos desafios climáticos iniciais, como a falta de chuvas na primeira quinzena de março.

Bahia: o plantio foi finalizado na região oeste, onde as lavouras seguem com bom desenvolvimento, apresentando-se em fase de desenvolvimento vegetativo. As expectativas são boas, principalmente devido à grande reserva hídrica no solo e à expectativa do prolongamento da estação chuvosa. No centro-norte e sul, as plantas apresentam-se em fase de enchimento de grãos, maturação e colheita, com a capacidade produtiva comprometida devido à estiagem ocorrida nessas regiões.



Foto 18 - Sorgo - Enchimento de grãos - São Desidério-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio ainda ocorre no estado em sucessão ao cultivo da soja, e há indícios de grande aumento de área. As lavouras semeadas apresentam bom desenvolvimento, favorecidas pelas boas precipitações intercaladas com períodos de sol.

Piauí: o plantio ainda não foi concluído no estado devido, principalmente, às chuvas ocorridas na segunda quinzena de março. Alguns produtores que haviam planejado cultivar uma determinada área resolveram avançar e ampliar a área de cultivo. Neste sentido, deve-se confirmar aumento de área em relação à estimativa inicial. As lavouras seguem se estabelecendo em boas condições, favorecidas pelas chuvas ocorridas.

Tocantins: o plantio está finalizado e as lavouras estão em estágio vegetativo, apresentando bom desenvolvimento. Em municípios como em Brejinho de Nazaré e Cristalândia registraram-se áreas antes ocupadas com o milho e que agora estão ocupadas com o sorgo, muito em razão do fechamento da janela de plantio ideal do milho safrinha.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,01		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	2,91	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	4,02		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	3,43		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	2,16		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	1,12		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	6,85		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	22,83		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	5,22		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	23,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,20		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Araçatuba	1,28		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	1,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	2,30		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

As previsões iniciais das culturas de inverno são baseadas em modelos estatísticos, associadas às previsões climáticas e informações preliminares, por meio da nossa rede de colaboradores.

Conforme avança a semeadura, as informações de área podem ser atualizadas e, no momento em que as culturas apresentem condições de se estimar a produtividade em campo, de acordo com as fases fenológicas, atualizações de produtividade podem acontecer.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

